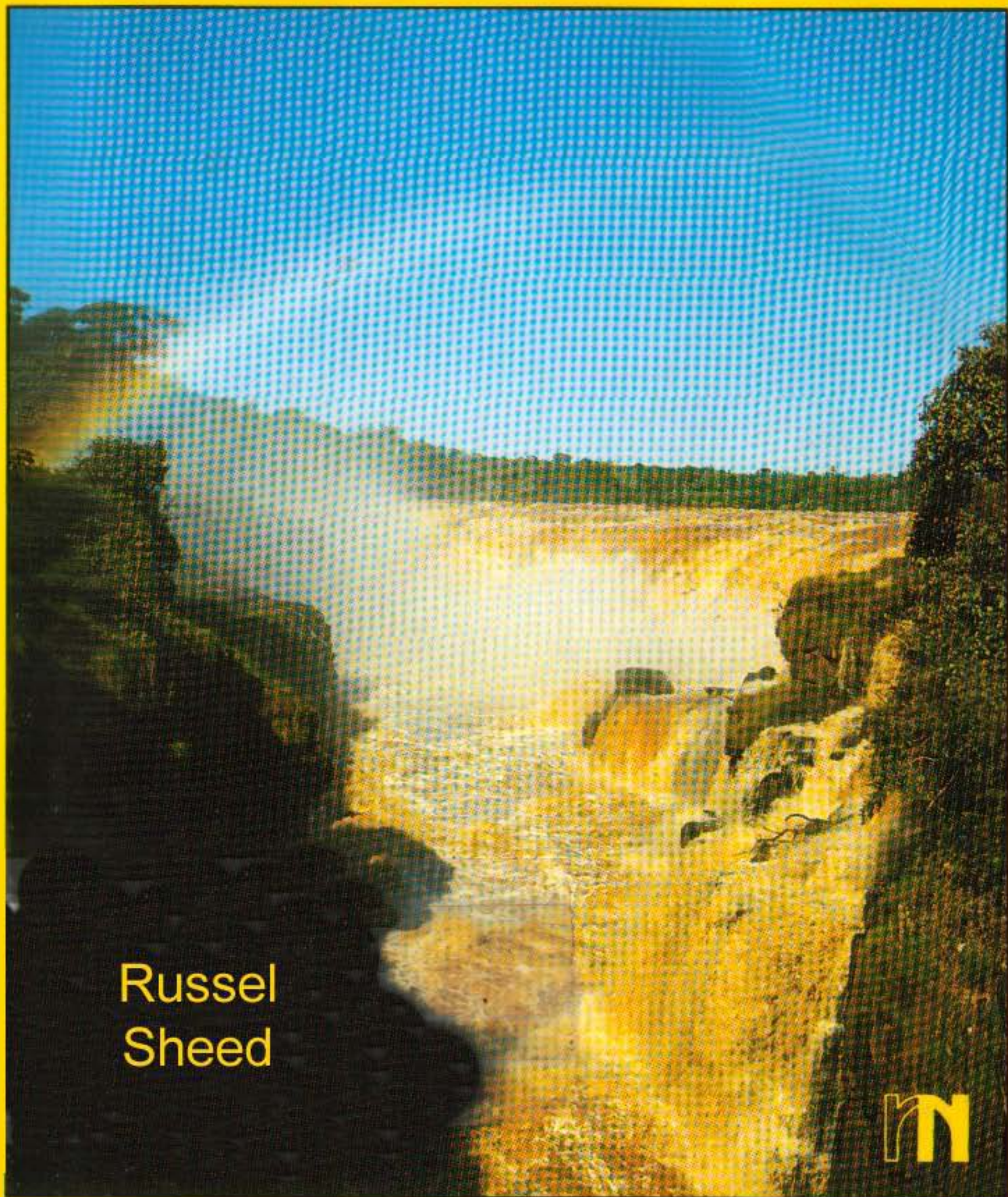


A ESCATOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO



Russel
Sheed



Copyright © 1983 de Edições Vida Nova

1ª edição: 1983

2ª edição: 1985

Reimpressões: 1989, 1991, 1997, 1999

Todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21486, São Paulo-SP
04602-970

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	7
1. O PROBLEMA HERMENÊUTICO	9
Premilenismo	12
Pretribulacionismo	14
Amilenismo	15
Pós-milenismo	17
2. ESCATOLOGIA NOS EVANGELHOS	19
3. ESCATOLOGIA EM ATOS E NAS EPÍSTOLAS	30
Atos	30
As Epístolas Paulinas	31
A Epístola aos Hebreus	34
As Epístolas Gerais	35
Conclusão	37
4. A ESCATOLOGIA DO APOCALIPSE	39
Introdução	39
As Cartas às Sete Igrejas da Ásia	40
A Visão da Adoração no Céu e a Abertura dos Sete Selos	41
As Trombetas	44
A Visão da Mulher, o Dragão e as Bestas	46
Os 144.000 no Paraíso	48
Três Vozes de Anjos	48
Mais uma Bem-Aventurança	49
A Colheita	49
O Lagar de Julgamento	50
O Julgamento das Taças	50
As Pragas Naturais	51
As Pragas Políticas	51
O Fim da Babilônia	53

A Meretriz Apresentada	53
A Explicação da Metretriz e a Besta	54
Canto Fúnebre sobre a Queda da Babilônia	55
Louvor a Deus pelo Seu Julgamento e Vitória	57
O Fim, segundo o Apocalipse	57
O Milênio	59
O Julgamento do Trono Branco	62
Novo Céu e Nova Terra	63
A Promessa de Cristo e a resposta da Noiva	67
CONCLUSÃO	68

INTRODUÇÃO

A insegurança de nossos dias continua provocando um crescente interesse pelos “fins dos tempos”. O anseio que o cristão sente para “saber os tempos e as estações” não é fenômeno apenas do século vinte. O povo de Israel há mais de dois mil anos já ouvia a voz dos profetas anunciando um tempo futuro em que a justiça de Deus haveria de pôr fim a todos os males. Naquele dia o Senhor visitaria os ímpios com justiça e os castigaria, segundo a aplicação da lei divina (Jr 6:15; 10:15; 46:21; 51:6), enquanto para o verdadeiro povo de Deus haveria salvação eterna (Sl 80:16; 105:3; Sf 3:16,19). O livro dos Jubileus manifesta a esperança do breve término do tempo presente e o início duma nova era (*eschaton-kairos*). Já a compreensão cristã do fim é escatológica, dividida em duas fases: o primeiro advento de Jesus Cristo, que ocorreu há quase dois mil anos, culminando com sua *parousia* ou a segunda vinda em um futuro desconhecido.

Segundo o Novo Testamento, o fim (*eschaton*) foi inaugurado com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias. Os “últimos dias” (Hb 1:2) já começaram. Paulo afirma: “vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho” (Gl 4:4), apontando para o início de uma nova época.

“O fator decisivamente novo e constitutivo para qualquer conceito cristão de tempo é a convicção de que, com a vinda de Cristo um *Kairos* único surgiu — pelo qual todo o tempo está determinado.”¹ As afirmações no Magnificat (Lc 1:46-55) e no Benedictus (Lc 1:68-79), como também a pregação de João Batista, revelam este mesmo ponto de vista. “A mensagem que Jesus pregou anunciava: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo” (Mc 1:15). A intervenção divina já estava sendo manifestada ali e então — logo a catástrofe que acompanhará o fim do Dia do Senhor, deverá ser aguardada a seguir. Urge utilizar bem o tempo (os *kairoi*) antes que seja tarde demais. É uma questão de vida ou morte!”² Esta nova era é caracterizada pela graça, de acordo com as profecias do Antigo Testamento. Deus dá oportunidade para o arrependimento até o fim (Rm 3:21; 16:25; Ef 3:8; cf Cl 1:26). Aquele que, pela fé e compromisso de obediência, aceitar a Jesus como Senhor agora, receberá a vida eterna (“vem a hora, e já chegou”, João 5:25). Assim entendemos a linguagem de Paulo “eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação” (II Co 6:2).

(1) H. C. Hahn, “Time” no *New International Dictionary of New Testament Theology*, (Grand Rapids-Zondervan), 1978, vol. 3, p. 837.

(2) J. Jeremias, *New Testament Theology*, I, 1971, p. 139.

Com a encarnação, a paixão e a ressurreição de Cristo, a antiga era (*aiōn*) fatalmente está condenada e sentenciada, mas não terminada. O tempo presente de justiça divina é o tempo completo de Deus, em que ele oferece seu favor redentor a todos que renunciam a antiga era, crêem no Senhor da nova era e se batizam em seu nome. Deste modo se identificarão com o novo povo de Cristo. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as cousas antigas já passaram, eis que se fizeram novas" (II Cor 5:17).

O intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo, reconhecido como o período da graça salvadora, é, igualmente, tempo de crise, justamente porque quem não recebe o convite para salvar-se desta amaldiçoada geração, será condenado com ela (cf. Lc 3:7). Deus não revelou em parte alguma quando o intervalo da graça terminará (Mc 13:32s), não obstante as tentativas de Miller determinar a data para os seus seguidores (os Adventistas do Sétimo Dia) no século passado, ou as sugestões de Hal Lindsay em nossos dias. A ira de Deus cairá sobre os não preparados como o dilúvio no dia em que Noé entrou na arca (Mt 24:38s) sem anúncio prévio além do fato que o relógio de Deus está andando em direção do fim. Ninguém tem condições de precisar a hora em que seu "despertador" soará, desencadeando o furor da justiça sobre toda iniquidade humana.

Mas afirmar esta posição quanto ao tempo da vinda de Cristo, não encerra o assunto. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a escatologia, oferecendo campo amplo para os intérpretes da Bíblia criarem seus sistemas ou quadros sobre o fim.

1

O PROBLEMA HERMENÊUTICO

A questão fundamental da interpretação (hermenêutica), explica em grande parte a divergência sobre a escatologia que caracteriza o mundo evangélico. Diferenças sobre escatologia na compreensão do significado das passagens bíblicas têm conduzido estudiosos a diferentes posições. Uma das figuras não-evangélicas mais notáveis da geração passada foi Albert Schweitzer. Em seu livro, *The Quest for the Historical Jesus*, ele desafiou os intérpretes idealistas alemães de sua época, acusando-os de entenderem erroneamente (intencionalmente?) o que a Bíblia apresenta no campo da escatologia. O modo de Schweitzer interpretar a Bíblia tornou-se popular de novo. Procurou-se novamente interpretar o ensino escatológico de Jesus "realisticamente".¹ Se cremos que Jesus e os apóstolos comunicaram a verdade, concordamos com Schweitzer que devemos entender as palavras deles com o sentido que eles mesmos queriam comunicar ao invés de simplesmente espiritualizar seus ensinamentos sobre o futuro. Infelizmente, Schweitzer concluiu que Jesus foi um apocalíptico iludido, que esperava um fim cataclísmico que inauguraria o Reino de Deus. Nada disto nem nos encanta nem nos convence. Quem crê em Cristo confia na veracidade do seu ensino.

Pouco depois surgiu a "escatologia realizada" de C. H. Dodd, que procurou convencer seus leitores de que a escatologia encontrada no Novo Testamento era mais do que um cumprimento da expectativa profética da esperança do Antigo Testamento. O Reino de Deus, prometido nas Escrituras, já chegou em Jesus. Após sua exaltação, ele reina na glória. As promessas sobre o fim foram cumpridas na época de Jesus para a elucidação da visão que o Novo Testamento apresenta sobre o futuro.²

Ainda que algumas idéias de Dodd tenham sido benéficas, o mundo evangélico de hoje está convencido de que nem toda a escatologia se realizou. Há mais para acontecer, muito mais. O pensador evangélico G. Ladd alcançou o ponto de vista de Cristo e dos apóstolos, quando divulgou a posição que ele chama de "escatologia inaugurada". Esta posição acuradamente apresenta o período da encarnação de Cristo, Sua Vida, paixão e exaltação, o derramamento do Espírito e a inclusão dos gentios no Novo Israel, como o cumprimento das predições dos profetas do A.T. (Cf. Lc 24:25ss, 32, 44ss). Assim, o reino veio na pessoa de Jesus Cristo e seu ministério,

(1) Cf. M. J. Erickson, *Opções Contemporâneas na Escatologia*, trad. G. Chown, (Edições Vida Nova S/R: São Paulo), 1982, pp. 19-25.

(2) *Ibid.* pp. 26, 27.

legitimamente, mas não integralmente. Ainda há mais para cumprir-se quando o parcial cederá à totalidade do fim (*telos*). Deste modo, a visão que temos da Promessa divina como por um espelho, será substituída pela realidade do encontro face a face que Paulo chama "o perfeito" (*teleion*, I Co 13:10).

Todas as posições escatológicas apresentam complicações na área da interpretação da Bíblia. As variadas maneiras de entender a profecia preditiva mostram que os que tentam explicar as numerosas passagens escatológicas têm atitudes divergentes quanto à legitimidade de certos métodos de sustentar interpretações que não são suas.

Surgiu a partir da Reforma do século XVI o desejo elogiável de interpretar a Bíblia de pleno acordo com a intenção do autor humano (que por sua parte deve ter tido a melhor idéia da mensagem divina por ele transmitida). Este método agora se chama "histórico-gramatical" e se distingue radicalmente do método alegórico ou tipológico. Neste último encontram-se lições espirituais que não estavam nem podiam ter estado na mente do escritor. Temos um exemplo em Filo, famoso escritor da Alexandria no Egito, contemporâneo de Jesus. Ele encontrou no Pentateuco o idealismo platônico através da alegoria que ele mesmo impôs sobre o texto. Eventos históricos foram utilizados para sustentar verdades eternas, espirituais, que Moisés nunca sonhara. O problema levantado pela alegoria resulta da falta de controle e segurança na verdade. O intérprete descobre na sua própria cabeça o significado do texto nas figuras imaginadas, de acordo com o ensino e quadro de futuros eventos que o intérprete pressupõe estar relatados na Escritura, em vez de ouvir a Palavra de Deus vindo para nós em e por meio dos eventos e ensinamentos bíblicos. Se empregamos a alegoria e tipologia como métodos legítimos de compreender a Bíblia, não seria difícil encontrar apoio para um número ilimitado de quadros escatológicos contraditórios, segundo o próprio bel-prazer dos intérpretes. Por isso Dean Farrar chama às interpretações que contrariam o método histórico-gramatical de "manipulações autocráticas" e "fraudes exegéticas".¹

Semelhantemente, interpretações tipológicas são tremendamente inseguras porque nelas cria-se uma correspondência entre profecias e eventos e seus "cumprimentos" que não estavam previstos nas Escrituras originalmente. Quando um intérprete costuma ver e buscar a soberania divina em todos os detalhes da vida, sugere que talvez ele também faça o mesmo ao interpretar os cumprimentos proféticos. Mas quando não há controle ou especificidade na interpretação, os textos são recriados pelo próprio entendimento e imaginação do intérprete. A melhor regra a seguir é a de entender os paralelos entre as Escrituras e os "cumprimentos" como "antítipos". Seriam boas

(1) G. Duty, *Divórcio e Novo Casamento*, (Venda Nova, Betânia) 1978, p. 34 citando o prefácio de *History of Interpretation* de Dean Farrar.

as ilustrações mas não deve-se afirmar categoricamente que sejam cumprimentos definitivos daquilo sobre o que o autor bíblico estava se referindo.

Ninguém que seriamente deseja entender a visão bíblica do fim, deixará de perceber muitas profecias que predizem o futuro. Estas são geralmente marcadas pelo uso do tempo futuro (o imperfeito no hebraico). Mas que dizer quanto às passagens que dão a entender que haverá um cumprimento logo (esta intenção estava na mente do autor) e a profecia vem a se cumprir novamente num evento distante? Podemos citar Is 7:14 como um exemplo em que o texto prediz o nascimento de uma criança que servirá como um sinal para Acaz no século oitavo antes de Cristo. "Mateus, porém, achando um sentido mais completo e profundo no versículo e também ajudado pelas traduções do grego *parthenos* ou "virgem" na LXX (versão grega do A.T.), como também o nome "Immanuel", argumenta que o nascimento de Jesus é o cumprimento daquilo que o profeta havia dito (Mt 1:23)".¹ Não são raros estes casos que os entendidos chamam de *sensus plenior* (sentido mais completo além do literal), no qual o N.T. vê um cumprimento básico e mais profundo que Deus queria comunicar. O controle da interpretação além do literal ou natural (histórico-gramatical) deve encontrar-se no próprio texto inspirado e não na imaginação descontrolada do intérprete.

A história da interpretação tem seus próprios capítulos se não trágicos, bem cômicos. A facilidade com que um pregador ou escritor qualquer identifica os eventos contemporâneos com predições ou eventos bíblicos tem produzido um ceticismo quanto ao futuro e à veracidade das Escrituras. Nossa intenção nas próximas páginas é de buscar uma compreensão do quadro escatológico que se fundamenta na inspiração das Escrituras e não foge do sentido gramatical e histórico dos textos que descobrem o futuro para nós.

Alternativas Escatológicas que Evangélicos têm Adotado

Diferenças existem entre nós evangélicos porque queremos ser peritos, mas não temos todos os fatos. Desejamos conhecer detalhes e explicar todas as passagens, mas provavelmente respondemos a perguntas que os autores bíblicos não pretendiam responder. Todos nós temos que admitir que a linguagem apocalíptica e o simbolismo em livros como Daniel e o Apocalipse são passíveis de muita divergência quanto à compreensão. Também somos tentados a adotar posições promulgadas por professores admirados e escritores prediletos, sem nós mesmos termos analisado os textos. Sendo que eles creem o que nos ensinaram e o que escrevem, não achamos tão necessário

(1) D. A. Hagner, "When the Time Had Fully Come" em *Dreams, Visions and Oracles*, ed. C. E. Armending and W. W. Gasque, (G. Rapids, Baker), 1977, p. 91.

estudar por nós mesmos para tirar nossas conclusões das próprias Escrituras. Recomendamos a reação dos judeus da sinagoga de Beréia, que examinavam as Escrituras todos os dias para ver se as cousas que Paulo afirmava de fato eram assim (At 17:11).

Entre as maiores divisões que separam os evangélicos encontramos a divergência em relação ao milênio mencionado especificamente em Apocalipse 20. Existe mais alguma confusão para muitos sobre as distintas posições quanto à ocasião da vinda de Cristo; antes, no meio, ou depois da tribulação. Examinemos mais de perto estas posições e suas fontes históricas.

O Premilenismo

Os premilenistas crêem que Jesus voltará antes dos mil anos (milênio Ap 20:2-6) em que Cristo reinará sobre o mundo que sobreviverá à destruição e julgamento que serão visitados sobre a terra na grande tribulação. Muitos pais da igreja primitiva eram milenistas (*quiliastas*, do grego *chilia*, "mil"). Com a posição adotada por Agostinho (séc. V) o premilenismo caiu no desprezo geral até a revitalização ocorrida no século passado. Muitos crêem que o premilenismo é sinônimo do dispensacionalismo criado e popularizado por J. N. Darby, um destacado líder dos Irmãos Livres de Plymouth, Inglaterra. Ele, com sua esquematização escatológica, teve grande aceitação entre os evangélicos (principalmente no norte dos Estados Unidos) no movimento evangelístico que gerou muitos institutos bíblicos, "missões de fé" e a famosa Bíblia de Scofield. Aqui no Brasil os Batistas Regulares, O Instituto Bíblico Palavra da Vida, a Chamada da Meia Noite, inclusive outras missões estrangeiras e escolas iniciadas por missionários da outra América, divulgam esta posição teológica. Livros, traduzidos do inglês tal como *A Agonia do Planeta Terra*, por Hal Lindsay, que já disseminou mais de 18 milhões de exemplares em diversas línguas no mundo inteiro, expressam bem a popularidade que o dispensacionalismo alcançou, especialmente nos Estados Unidos.¹

De acordo com o sistema apresentado pelos dispensacionalistas, há sete épocas da história da salvação desde a Criação do homem. A chave imprescindível para a compreensão do futuro se encontra em Daniel 9:24-27. As setenta semanas se referem a 490 anos (70x7) e não a dias. As primeiras 69 semanas de anos terminaram com a crucificação de Jesus, encerrando a época na qual Deus se interessou principalmente com Israel. Com a rejeição do Messias que Deus ofereceu a Israel no ministério e na pessoa de Je-

(1) Pastor Jader Malafaia publicou vários artigos no Jornal Batista há poucos anos atrás, dando assim aos batistas do Brasil oportunidade de conhecer esta posição teológica.

sus, Deus fez o relógio escatológico parar. Em consequência Ele estabeleceu a Igreja, a realidade não prevista pelos profetas do Antigo Testamento. Portanto, a Igreja é o "mistério" revelado a Paulo e aos escritores do Novo Testamento (veja Ef 3, Cl 1, Rm 16:25-27). Terminado este período de graça no qual os gentios das nações são convidados a formar a "noiva" de Cristo, ocorrerá o arrebatamento (veja I Ts 4:13-18). Este maravilhoso evento se realizará sem aviso prévio. O relógio profético então será reativado com a atenção de Deus voltada para Israel. A 70ª semana de Daniel 9, marcará os sete anos da grande tribulação. Brevemente, os dispensacionalistas prevêem, haverá o desenvolvimento do seguinte quadro. "(1) Israel, a nação judaica, estará no centro do plano divino de Deus para a humanidade. Restaurada para a terra (Palestina), Israel reconstruirá o templo e restabelecerá os sacrifícios levíticos exigidos pela lei Mosaica. (2) Poder político internacional será exercido pelo governador satânico (chamado o Anticristo), a Besta ou o Homem de Iniquidade (I Jo 4:3; Ap 13; II Ts 2:3). (3) O cristianismo apóstata unindo o Catolicismo, a Igreja Ortodoxa, e o Modernismo protestante; chamado a Meretriz, se aliará com o Anticristo (Ap 17) e prosperará através da união adúltera durante um tempo. (4) O pecado aumentará entre os homens e chegará a uma profundidade e intensidade jamais vistas a não ser talvez na época do Dilúvio. (5) A ira de Deus será derramada sobre a terra numa série de julgamentos cataclísmicos. (6) Quando a besta (Anticristo) romper com a nação Israelita, provocará uma crise internacional que atingirá seu auge na guerra de Armagedom."¹ Tudo culminará no fim dos sete anos da tribulação com a vinda de Jesus Cristo com seus santos (a *parousia*).

Após a parusia, o reino do Anticristo será destruído e Cristo passará a reinar sobre a terra. Assim se cumprirão literalmente as profecias do Antigo Testamento que prevêem um reino messiânico na terra. Passados os mil anos previstos em Apocalipse 20, Satanás será solto da sua prisão, encabeçará uma revolta breve pelos moradores não regenerados do mundo, mas ela será esmagada. Sucederá então o último julgamento do trono Branco (Ap 20:11-15). Os mortos não convertidos serão ressuscitados para serem julgados segundo suas obras. Os santos, judeus e gentios, gozarão a vida perfeita na nova terra eternamente.

Os premilenistas históricos discordam com algumas posições dispensacionalistas. Não aceitam a distinção tão absoluta entre Israel e a Igreja, nem crêem que haverá um arrebatamento secreto antes da tribulação; a ressurreição dos santos junto com a transformação dos crentes (I Co 15:51-57) precederá imediatamente a segunda vinda de Cristo em grande poder e glória. Outras divergências entre dispensacionalistas e premilenistas clássicos são numerosas demais para detalhar aqui. Mas os que sustentam estas posições concor-

(1) J. R. Ross, "Evangelical Alternatives" em *Dreams, Visions and Oracles*, op. cit., p. 121.

dam contra os amilenistas e pós-milenistas que Cristo reinará neste mundo após sua vinda, e cumprirá o propósito de Deus previsto pelos profetas do Antigo Testamento e por João no Apocalipse.

Vista de Relance da História da Interpretação Pré-tribulacionista da Escatologia:

Uma tentativa de apoiar a interpretação pré-tribulacionista em citações dos antigos pais da igreja não tem logrado êxito. Ao mesmo tempo a esperança milenista é a única que encontramos nos primórdios da igreja. Clemente de Roma (95 A.D.) diz: "Percebeis como em pouco tempo o fruto duma árvore chega a maturidade. Em verdade, logo e subitamente Sua vontade se cumprirá, como a escritura testemunha dizendo, "Brevemente Ele virá e não tardará", e "o Senhor subitamente virá a seu tempo . . ." (I Clemente 23). Clemente não queria dizer com isto que ele cria que Jesus voltaria sem ocorrer uma série de eventos que antecederiam a sua vinda.¹

No *Didaquê* ("O Ensino dos Doze Apóstolos", 120 a.D.) cap. 16, igualmente se nota uma visão do futuro que incluía o aparecimento do Anticristo que deflagará terrível perseguição e dominará o mundo. Muitos ficarão ofendidos e conseqüentemente perdidos. Trata-se de cristãos professos que não ficarão firmes. Alguns perseverarão e serão salvos. Após a tribulação ver-se-ão sinais do fim, o último sendo a ressurreição dos santos. Este livrinho tão antigo, foi escrito pouco depois do Apocalipse para prevenir os crentes contra os grandes sofrimentos que marcarão o período antes da vinda de Cristo.

A Epístola de Barnabé, escrita por um contemporâneo do autor do *Didaquê*, mostra uma esperança na segunda vinda após o governo e perseguição do Anticristo. Assim lemos, "Quando seu Filho vier, ele destruirá o tempo do maligno, julgará os ateus, modificará o sol, a lua e as estrelas, e então descansará realmente no sétimo dia (15:3).² Apenas após a queda do Império Romano e o surgimento de dez reis sobre a terra, virá o Senhor Jesus Cristo.

Justino, o mártir (c. 150 a.D), foi um premilenista mas não pré-tribulacionista. Ele esperava a vinda do Senhor após o advento do Anticristo que falará contra Deus e perseguirá aos Santos. Não sentia medo diante dos sofrimentos futuros marcados para a Igreja em vista da experiência do fortalecimento que Deus deu para seus filhos ao enfrentar a perseguição na sua própria época. Justino achou que os cristãos que não criam no reino de Cristo sobre a terra eram faltosos quanto à doutrina.

Foi Irineu (170 a.D.) que escreveu mais especificamente sobre o fim. Segundo este escritor haveria uma série de eventos no Império antes do apa-

(1) Ladd, G. E., *The Blessed Hope*, (Gr. Rapids: Eerdmans), 1956, p. 21.
(2) *Ibid* p. 22

recimento do Anticristo, e a conseqüente volta de Cristo. Como Barnabé, Irineu previa a divisão do mundo romano em dez reinos, seguida pelo aparecimento do Anticristo e a tribulação que purificará a Igreja em preparação para o banquete real divino. Após a tribulação Cristo voltará para destruir o Anticristo e resgatar a sua Igreja (veja *Contra as Heresias*, livro 5, 26-30). Nesta primeira delineação detalhada dos eventos que precederão a parusia, encontramos o teólogo que cria firmemente na posição pós-tribulacionista mas ao mesmo tempo era premilenista. Explicou a razão do milênio ser a necessidade dos crentes serem preparados para a visão de Deus que significa seu aperfeiçoamento. A segunda razão, segundo Irineu, foi para demonstrar a vitória de Cristo neste mundo, dentro do tempo antes da eternidade.

O premilenista Tertuliano, do fim do século 2º, também esperava a vinda de Cristo somente após sinais bíblicos que anunciarão antecipadamente aos que crêem. Hipólito do 3º séc., entendeu que a quarta besta de Daniel previa o império romano. Os dez dedos seriam dez reis que também eram prefigurados pelos dez chifres. Aquele que extirparia três chifres seria o Anticristo conquistando e destruindo o Egito, a Líbia e a Etiópia. Segundo Hipólito, João fala em Apocalipse 12 duma perseguição de 1.260 dias que pressionará a Igreja. Só então poderá esperar a segunda vinda seguida pelo reino predito no capítulo 20 de Apocalipse.

Todos os primeiros pais da Igreja que tocam nos temas da escatologia, pensaram que a Igreja sofreria a perseguição promovida pelo Anticristo. Tal sofrimento teria o alvo divino de purificar a Igreja preparando-a para a segunda vinda na qual Cristo destruirá o Anticristo, resgatará seu povo e inaugurará o milênio. Não encontramos nem amilenismo nem pós-milenismo, nem tampouco pré-tribulacionismo neste período da história eclesiástica.

O Amilenismo

Passados os primeiros séculos, o pensamento de Agostinho começou a prevalecer. Ele promulgou uma interpretação amilenista que acompanhou a crescente popularidade de uma visão figurada da história que supostamente se baseava na Bíblia. Desse ponto de vista, o Apocalipse oferece um esboço dos eventos que marcariam a história da Igreja. Foi assim que o papa Inocente III valeu-se do Apocalipse para promover sua cruzada contra os maometanos, já que figuradamente esses inimigos da Igreja podiam ser identificados com o Anticristo e o falso profeta preditos no Apocalipse.

(1) *Ibid*, p. 30, 31.

Outrora premilenista, Agostinho (354-430 a.D.) foi persuadido a abandonar essa posição em vista do extremismo e carnalidade imoderada daqueles que sustentaram o premilenismo em sua época.¹ Seguindo a posição de Ticônio, um donatista do 4º séc., Agostinho chegou à conclusão que Apocalipse 20 tratava do intervalo entre a "primeira vinda de Cristo até o fim do mundo, quando Ele virá outra vez".² O resultado deste novo modo de interpretar o milênio, espiritualizando-o como "fato presente político-religioso, se apoderou da Igreja durante treze séculos".³ No Oriente, mesmo antes de Agostinho, houve uma rejeição do milenismo da parte de Orígenes, Clemente de Alexandria e Dionísio. Mas para Agostinho, Marcos 3:27 continha a chave da compreensão certa do milênio. Dando uma interpretação escatológica, mas realizada a modo de C. H. Dodd, explicou este verso assim: ninguém poderá entrar na casa do poderoso e tomar os seus bens sem primeiramente amarrá-lo. O homem forte era Satanás. Seus bens, são os cristãos (antes da conversão) que estavam sob o seu domínio. Cristo o dominou, amarrando-o e segurando-o durante todo o período entre a primeira e a segunda vinda. No fim desta época Satanás será posto em liberdade para testar a Igreja. Em seguida será absolutamente dominado, iniciando a era eterna.⁴

Os reformadores não mostraram muito interesse na escatologia. Suas energias, desgastadas na refutação dos erros fundamentais da fé cristã, deixaram pouco tempo sobrando para tocar na questão do fim. Além disso, surgiu nas especulações de Tomás Munzer (1534) um extremismo milenista que impossibilitou a favorável avaliação do premilenismo da parte dos líderes da reforma. Entre os anabatistas, com exceção de Melchior Hoffmann, nenhum dos líderes destacados se tornou milenista⁵. Calvino, Lutero, as confissões de Augsburgo, de Eduardo VI, da Bélgica e de Westminster, têm rejeitado a esperança milenista como expressão de "sonhos judaicos".⁶

O amilenismo moderno rejeita a separação de Israel/Igreja. A teologia reformada vê na aliança a chave hermenêutica da Bíblia. As promessas outorgadas aos filhos raciais de Abraão passaram a ser a herança do povo salvo pela redenção de Cristo. Assim, as profecias do Antigo Testamento que não foram cumpridas no passado bíblico, se cumprirão somente na nova realidade que é a Igreja, também conhecida como o "Israel de Deus". A única passagem que especificamente fala do milênio inaugurado pela primeira ressurreição tem sido mal entendida pelos premilenistas, afirmam os amilenistas.

(1) Veja *A Cidade de Deus*, XX. 7.

(2) *Ibid*, XX.8

(3) J. W. Montgomery, "The Millennium", *Dreams . . .*, op. cit., p. 179.

(4) M. Erickson, op. cit., p. 80.

(5) J. W. Montgomery, op. cit., p. 180.

(6) W. J. Grier, *The Momentous Quest*, (London: Banner of Truth), 1945, pp. 30, 31.

nistas. Essa ressurreição (Ap 20:6) refere-se não ao recebimento do corpo espiritual da ressurreição do qual Paulo fala em I Co 15:44, mas à morte e ressurreição com Cristo simbolizados no batismo (Rm 6:1-11; Ef 2:1-10; Cl 3:1-4). Segundo esta interpretação não devemos esperar um cumprimento literal dos eventos descritos no Apocalipse. O número mil ($7 + 3 = 10^3$) quer dizer o absolutamente completo, segundo o renomado teólogo do Seminário de Princeton, Dr. B. B. Warfield. Entre vários problemas levantados por esta interpretação, destacamos a interpretação do verbo *ezēsan* (viveram) em Ap 20:4. Neste primeiro caso é espiritual, mas o mesmo verbo é entendido literalmente no v. 5 "os restantes dos mortos não reviveram (*ezēsan*) até que se completassem os mil anos". Aqui é literal nos informam os amilenistas. Mas mudar o sentido do mesmo vocábulo dentro do contexto imediato, sem alguma indicação da parte do autor, contraria um princípio básico na Hermenêutica. Ou devem ser interpretados em ambos casos espiritualmente ou literalmente. Se este último então entende-se que João queria comunicar que um período extenso (milênio) marcará o reino de Cristo neste mundo.

É irracional pensar que após a vitória de Jesus Cristo e a concretização do seu reino soberano e eterno, houvesse nova oportunidade para Satanás retomar controle dos ainda existentes incrédulos para encabeçar uma revolta contra o reino estabelecido do Senhor. E donde se conseguirá os rebeldes? Assim, os amilenistas descartam a possibilidade de se realizar um milênio literal nos moldes de Apocalipse 20.

O Pós-Milenismo

Uma terceira posição recebeu o nome de pós-milenismo. Esta interpretação escatológica facilmente se confunde com o amilenismo. O reino de Cristo é espiritual, não geográfico (isto é localizado literalmente neste mundo) de modo que onde há indivíduos que recebem a Cristo e reconhecem sua soberania sobre suas vidas, aí está o reino de Deus. Há também a esperança da conversão de todas as nações do mundo, não na totalidade, mas a grande maioria da população de todos os povos da terra. Assim será inaugurado um longo período de paz entre os homens no mundo que se identifica com o reino milenar. Os pós-milenistas não interpretam os mil anos de Apocalipse 20 literalmente. Alguns (como os amilenistas) acham que durará todo o período da Igreja entre a primeira e a segunda vinda. Haverá um curto lampejo de maldade antes da Vinda do Senhor, seguido pela ressurreição de todos, o julgamento e a consignação dos homens ao estado permanente do céu e o inferno. Outros crêem que o milênio não literal começará com a divulgação mundial do evangelho e a conversão da maioria da humanidade.

As raízes do pós-milenismo são reconhecíveis nas idéias de Ticônio e Agostinho. Jonathan Edwards, primeiro presidente da Universidade de

Princeton no século XVIII, e os Hodges e B. B. Warfield, os famosos teólogos do Seminário de Princeton, representavam este ponto de vista. Hoje o pós-milenismo tem poucos adeptos em consequência dos acontecimentos históricos, nada animadores, mais do que pela demonstração de provas bíblicas. Ainda que os evangélicos têm sustentado a necessidade da evangelização para a conversão do mundo, alguns entre os mais liberais na Alemanha, se entusiasmaram pelo evangelho "social" e um reino menos espiritual, que pode ser avançado por agências extra-eclésiásticas, inclusive o partido nazista.¹ Tudo isto tem contribuído para a diluição notável desta posição no mundo evangélico.

Após esta resumida apresentação das correntes teológicas e históricas referentes à Vinda de Cristo, queremos examinar o ensino de Jesus Cristo nos evangelhos e o pensamento dos apóstolos nas epístolas e no Apocalipse. Passaremos agora a um exame mais detalhado dos trechos escatológicos do Novo Testamento.

2

ESCATOLOGIA NOS EVANGELHOS

Os discípulos de Jesus, como muitos cristãos hoje, externavam sua curiosidade indagando a respeito dos fatos escatológicos e o cronograma do fim da era presente. "Dize-nos quando sucederão estas cousas (a destruição do templo), e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século" (Mt 24:3). Três versões das respostas a esta indagação tríplice se encontram em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, das quais a mais completa é a primeira passagem.

De início devemos estar conscientes de que Jesus predisse alguns acontecimentos que *não* sinalizarão o fim. Assim deparamos com os falsos messias que conseguem enganar a muitos (Mt 24:5), as guerras e rumores de guerra. Por isso Jesus adverte que "ainda não é o fim" (Mt 24:6); "o fim não será logo" (Lc 21:9). Marcando apenas "o princípio das dores", Jesus falou de nações lutando contra nações, de reinos levantando-se contra reinos, de fomes e terremotos em vários lugares. Juntamente com distúrbios internacionais e físicos no mundo, Jesus acrescenta que a *perseguição* caracterizará a época do "princípio das dores" (Mt 24:8-13). Cristo prediz tribulação (pressão da parte dos que rejeitam a Jesus Cristo), martírio, rejeição pelas nações, o desvio da fé e o esfriamento do amor de muitos cristãos escandalizados. Estes tropeçam por causa da dificuldade que encontram em seguir a Cristo. Ele queria prevenir a Igreja sobre o alto preço que seus membros terão de pagar para manter a sua fidelidade. Ainda deve-se esperar a traição e o ódio *dentro da comunidade* dos chamados cristãos. Falsos profetas e líderes inspirados por demônios (como os que Paulo denuncia em Corinto, II Co 11:13-15), provocarão diminuição da fé dos muitos cristãos que serão enganados e iludidos. A iniquidade se multiplicará dentro e fora da comunidade eclesíastica, mas aquele que "perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24:13). "O fim" refere-se à vinda de Cristo, ou poderia ser a morte, inclusive o martírio. Não haverá recuo da parte daqueles que confiadamente deixaram de temer os que podem destruir o corpo "mas não podem matar a alma" (Mt 10:28). Como Lutero disse em Worms, "Aqui fico, com a ajuda de Deus", eles recusarão negar ao Senhor que os comprou. Sinais do fim não se encontram nas guerras, nem nos terremotos, nem há, da parte do Senhor, al-

(1) Cf. M. J. Erickson, *op. cit.*, p. 60.

guma referência ao retorno dos judeus à Palestina. Por outro lado espera-se uma crescente oposição e hostilidade da parte dos não-cristãos contra os que confessam Seu nome e compõem sua igreja.

O sinal mais claro que aponta para o fim, em Mt 24 e Mc 13, Jesus afirma claramente: não é outro senão a evangelização universal do mundo. "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho", isto é, para salvar e condenar os que crêem ou rejeitam em todas as nações. "Então virá o fim" (Mt 24:14). Marcos paralelamente afirma que "é necessário primeiro que o evangelho seja pregado a todas as nações". Quando Jesus preparava os onze discípulos entregando-lhes sua última vontade antes da sua ascensão, novamente encontramos esta exigência de evangelizar todas as línguas, povos e nações na Grande Comissão (Mt 28:18-20). Em decorrência e função da plena autoridade que Jesus recebeu do Pai (28:18), o Cristo ressurreto mandou os discípulos se deslocarem e fazerem discípulos de todas as famílias da humanidade. A comissão terá validade até a consumação do século. Paralelamente marcará a conclusão da tarefa que o Senhor deu para sua igreja. Para que ela seja bem sucedida Ele mesmo prometeu estar com seus servos até o "fim do século". O término da missão e o fim do século chegarão na mesma altura. Nada que Jesus falou nos obriga a crer que todo o mundo será convertido, nem que a maioria dos habitantes da terra abraçará o evangelho (como pensam os pós-milenistas). Por outro lado, o amor e a justiça de Deus exigem que as Boas Novas sejam oferecidas a todos os povos, tribos, e línguas. Pesquisas de antropólogos e lingüistas revelam que há mais ou menos 5.000 línguas e dialetos no mundo. Menos da metade delas tem uma porção da Palavra de Deus traduzida, para que os membros desses povos possam pelo menos entender o que Deus tem para lhes dizer. Por isso alguns crêem que demorará a chegada do fim. Naturalmente, não sabemos especificamente se todas as tribos, mesmo as que são compostas de apenas 50 ou de 100 pessoas, serão evangelizadas. Toda tribo e língua faz parte de uma família maior. Somente Deus sabe como e quando todos os grupos étnicos (*etnias*) terão representantes regenerados para dar-lhe as boas vindas quando Ele voltar para a terra.

A medida que Jesus deu a seus discípulos para marcar a aproximação do fim não foi o número específico de salvos, nem o arrebatamento da Igreja antes da evangelização do mundo por 144.000 judeus convertidos. Ele meramente previu a divulgação do evangelho sem limites geográficos. Como as estatísticas poderão demonstrar, a *percentagem* de crentes justificados pela fé, na explosão demográfica do mundo, está diminuindo. Por outro lado a cifra absoluta de cristãos cresce todo dia, como também o número de povos, línguas e tribos em que existem igrejas cristãs e discípulos que adoram a Deus em nome do Senhor Jesus Cristo. O texto original de Marcos 13:10 revela que Jesus usou a palavra grega *dei* que quer dizer "absolutamente necessário". Deus mesmo garante que os que foram comprados para Deus procederão "de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5:9).

Talvez caiba aqui uma frase que o apóstolo Paulo emprega em Romanos, "a plenitude dos gentios" (*pleroma*, Rm 11:25) que serão trazidos para dentro do arraial da Igreja, o Corpo Universal de Cristo. Assim podemos ter a certeza de que o que Jesus disse em Mt 8:11 se cumprirá. "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus". Jesus evidentemente referia-se a gentios que nesta época da graça seriam alcançados pelo amor salvador de Jesus Cristo.

Evidentemente, no primeiro parágrafo escatológico pronunciado em Mateus 24:3-14 e passagens paralelas em Marcos e Lucas, encaramos uma faceta dos acontecimentos que marcarão todo o período entre a ascensão e a volta do Senhor.¹ Perseguições, guerras, rumores de guerras, apostasia de cristãos nominais, distúrbios na terra, e a evangelização mundial, procederão juntos até que a humanidade em geral tenha tido oportunidade de conhecer a Cristo. A história do mundo até o presente confirma esta maneira de entender as predições sobre o fim. Provavelmente tais acontecimentos são preditos nos primeiros cinco selos do Apocalipse (veja o capítulo 6). Jesus queria preparar a Igreja para as lutas, o sofrimento e o martírio que estavam na sua frente, usando até de linguagem característica de traição, apreensão e crucificação do Senhor, o "Pioneiro da nossa fé". R. H. Lightfoot percebeu que Jesus usou em Marcos 13 palavras que têm destaque especial no relatório da paixão de Jesus nos capítulos 14 e 15 que seguem imediatamente nesse evangelho. O que Jesus sofreu nos dias da Sua carne, a Igreja também passará antes da sua vindicação e glorificação (comp. Jo 15:18ss., At 14:22, II Tm 2:19; 3:12, Hb 12:2-4). Parece estranho que intérpretes dispensacionalistas crêem que a Igreja não passará pela Grande Tribulação porque não acham que Deus permitiria que seu povo venha a sofrer. Mas o quadro escatológico apresentado no Novo Testamento enfatiza particularmente aflição e perseguição antes da volta de Cristo. Repetidas vezes através dos longos anos da história, a Igreja verdadeira passou por torturas e aflições. Ainda hoje ela sofre as pressões e martírios em países comunistas e muçulmanos.

O segundo parágrafo do discurso do Monte das Oliveiras (Mt 24:15-20) parece apresentar um caso em que o *sensus plenior* oferece a única saída para uma interpretação satisfatória. O "abominável da desolação", profetizado por Daniel, entrará no lugar santo (v. 15). Provavelmente fala de dois acontecimentos, como admite o *sensus plenior*, separados por muitos séculos. A invasão da Palestina pelas forças romanas em 66-70 a.D., chefiadas pelo general Vespasiano e depois pelo seu filho Tito, estaria no primeiro plano profético que Jesus previu. Mas esse evento muito destacado na história não exauria o significado todo desta predição, de Jesus. A menção da Judéia (v. 16), a exortação a orar para que a fuga forçada não aconteça no sábado (v. 20), o aparecimento de falsos cristos e outros detalhes, apontam para os terríveis

(1) Cf. G. E. Ladd, *The Blessed Hope*, *op. cit.*, p. 112.

anos da esmagada rebelião dos judeus contra seus opressores romanos no primeiro século. Tudo isto que Jesus predisse aconteceu de fato. O templo em Jerusalém foi profanado pelos romanos e seus estandartes (achados idólatras pelos judeus) que provocaram a desolação do "lugar santo". Nunca mais na história foi reestabelecido o lugar sagrado feito por mãos humanas onde o nome do Senhor fosse louvado e o culto padronizado no Antigo Testamento fosse oferecido.

Em Lucas 21:20-24 (a passagem paralela a Mt 24:15-20), mais especificamente, encontramos esta visão de desolação aplicada à destruição de Jerusalém, após os exércitos romanos sitiarem a cidade, conseguindo sua devastação, e marcado pelo massacre de milhares de judeus. Sobreviventes da nação se espalhariam pelos milhares entre as nações, "até que os tempos dos gentios se completem". Assim Jerusalém será pisada pelos gentios até esses "tempos" terminarem (v. 24) e os judeus novamente voltarem a ocupar a cidade santa. Destarte possivelmente deparamos com um fato de profunda significação, isto é, que Jerusalém hoje está novamente sob o poder de Israel. Assim terminou em 1967 o controle da capital israelita pelos gentios. Nada que Jesus falou a respeito do fim deste tempo caracterizado pelo domínio gentílico sobre Jerusalém, nos permite dizer algo mais além do fato de que marca o fim duma época de longa duração.

Mas, ao dizer isto, não devemos pensar que esgotamos tudo que Jesus falou sobre o fim. Como a predição de Daniel sobre a profanação e desolação do Segundo Templo da parte de Antíoco Epifânio em 170 a.C. (9:27), não se esgotou naquela data, mas incluía uma visão de destruição 40 anos após a ascensão de Jesus, podemos deduzir que há elementos nesta profecia de Jesus nos evangelhos que tratam do fim, o período que antecederá imediatamente a parusia de Cristo. Paulo nos esclarece escrevendo aos Tessalonicenses especificamente sobre a vinda do "homem sem lei" (*anomias*), o "filho da perdição" (II Ts 2:3) que também assentar-se-á "no santuário de Deus". É interessante notar esta referência ao templo quando a comparamos ao que Jesus disse sobre o "abominável da desolação" em Mt 24:15. Creio que se trata do Anticristo, a besta do Apocalipse 13 que será destruído "com o sopro de sua boca . . . e a manifestação de sua vinda" (isto é, de Cristo) (II Ts 2:8). A perseguição que este inimigo tão poderoso deflagará será comparável aos sofrimentos dos judeus na destruição de Jerusalém em 70 a.D. e também 200 anos antes dessa data na perseguição de Antíoco Epifânio. Necessário, portanto, será que esses dias sejam abreviados (Mt 24:22) para que não sejam mortos, aterrorizados ou enganados todos os eleitos ao ponto que a Igreja desapareça. Na realidade será impossível que isto aconteça porque os salvos serão protegidos por Deus mesmo (comp. Ap 7). A frase em Mateus 24:21, "grande tribulação como nunca antes", mostra a intensidade de luta satânica contra a Igreja, tal como descreve a realidade do sofrimento dos judeus em 70 a.D. na Palestina. Muitos morrerão apresentando eloquente testemunho de sua lealdade para com seu Senhor.

A esperança que a Igreja alimenta da segunda vinda, facilitará aos enganadores, na maior parte falsos cristos, apoiados por falsos profetas que operam grandes sinais e milagres com poder demoníaco (Mt 24:24; II Ts 2:9), a levar os cristãos não verdadeiros ao engano e desvio da fé verdadeira. Mas quem toma a sério a palavra de Cristo sobre seu retorno à terra não será iludido. Sua vinda não será escondida, nem secreta; mas como o relâmpago numa noite escura, assim se anunciará sua presença ao mundo todo, (Mt 24:27). Que todo o olho O verá encontra sua confirmação em Apocalipse 1:7.

A figura do cadáver e os abutres que se ajuntam para devorá-lo (v. 28, Lc 17:37) é interpretada por alguns como o julgamento que Deus visitará sobre os que lutam contra Ele e perseguem seus filhos no fim de nossa época (comparar Ap 11:18; 14:17-20; 16:12-21; 19:15-21). A linguagem destas passagens indica um só episódio visto de vários prismas. O ajuntamento dos abutres ao local do cadáver precede imediatamente a volta de Jesus em Mateus 24, Lucas 21 e em várias passagens do Apocalipse, indicando claramente o julgamento de Deus sobre "os que habitam na terra", e particularmente os que impiedosamente perseguem os fiéis seguidores de Cristo.

Após a revelação sobre a futura grande tribulação, Jesus focaliza as mudanças nos céus (Mt 24:29). O sol se escurecerá, a lua perderá sua claridade, as estrelas cairão e os poderes do céu serão abalados. Isaías predissera estes acontecimentos que acompanhariam o Dia do Senhor (Is 13:6-10). No Apocalipse também encontramos o assombroso dia da abertura do sexto selo quando "o sol se tornou negro . . . a lua como sangue, as estrelas do céu caíram . . . e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então todos os montes e as ilhas foram movidos dos seus lugares" (indicação de terremotos com força sem precedentes, cf. Ap. 16:18-20). Estes eventos criarão um pavor nos incrédulos de todas as camadas da sociedade. Os homens tentarão escapar e se esconder desta manifestação da ira de Deus (cf. Joel 2:31; At 2:20). Paulo escreve aos Tessalonicenses que a vinda do Senhor como "ladrão da noite" tomará os descrentes de surpresa. "Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor de parto à que está para dar a luz; e de nenhum modo escaparão" (I Ts 5:3). Aí vemos exatamente a força da ilusão, a persuasão que produzirá confiança nos que rejeitam a graça de Deus, mesmo em face dos preditos acontecimentos cósmicos e cataclísmicos. A incredulidade levará o mundo a lutar ao lado do Anticristo e sofrerá estas conseqüências, na realidade, indescritíveis. Imediatamente depois "aparecerá nos céus o sinal do Filho do Homem" (Mt 24:30). Ainda sobreviverão incrédulos que verão um sinal visível da existência do Senhor que sempre negaram. Jesus não revela que sinal será este que convencerá a todos. Também não encontramos aqui qualquer sugestão dum arrebatamento da Igreja, sete anos antes da revelação do Filho do Homem. A lamentação dos perdidos ao ver a predição de Daniel (7:13) "eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem . . .", se cumprirá em majestade celeste (Mt 24:30; Ap 1:7).

Nesta altura, com o tocar reverberante da última trombeta (I Co 15:52) que Paulo chama de "trombeta de Deus" (I Ts 4:16), os crentes todos serão, por intervenção direta do poder de Deus sobre a matéria, reunidos por meio do arrebatamento. Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro (I Ts 4:16) e todos os vivos serão transformados num só "abrir e fechar de olhos" (I Co 15:52). Subirão ao encontro com Cristo, que descera para destruir o homem iníquo, "pela glória de sua vinda" (II Ts 2:8).

Após a sua gloriosa vinda estabelecer-se-á o reino de Cristo. Mas nos evangelhos procuraremos em vão uma descrição ampla do reino terrestre do nosso Senhor. Indícios, porém, temos na menção da "regeneração" (*paliggenēsia*) por parte de Jesus (Mt 19:28). Quando Pedro perguntou qual seria o galardão dos discípulos que, como ele, deixaram tudo para seguir a Cristo, a resposta foi: "Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19:28). Lucas preserva esta promessa de Cristo aos discípulos dizendo, "Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Lc 22:29, 30). A parábola das dez minas proferida por Jesus promete o exercício de autoridade ao primeiro servo sobre dez cidades e sobre cinco para o segundo (Lc 19:11-27). Não deve ser considerado impossível haver um reino literal sobre a terra no qual os que sofreram por Cristo também serão galardoados com o privilégio de reinar com ele (II Tm 2:12; Ap 20:4).

A parábola do trigo e o joio (Mt 13:24-39) igualmente sustenta a posição que na consumação do século o reino dos céus existirá literalmente. O reino na parábola, significa o mundo inteiro, que será local da separação de todos os salvos dos perdidos. Quando Cristo retornar ao mundo, os elementos maus serão removidos para fora de seu reino, permitindo que os justos resplandeam como o sol (v. 43). Seu reino (o campo de fato não é identificado com a Igreja) é especificamente indicado por Jesus como o mundo, na única interpretação garantida que Jesus deu a seus discípulos (Mt 13:38).

A parábola do grão de mostarda também mostra que o reino cresce silenciosamente chegando a um tamanho suficientemente grande para aninhar as aves do céu. Também a rede lançada para o mar (Mt 13:47-50) igualmente aponta uma separação. Quando está cheia, a rede é arrastada para a praia. Então se realizará a divisão em que tudo que for bom será guardado e o que não presta será jogado fora. Jesus com estas parábolas não ensina que o mundo se converterá, mas sim, que não haverá, de nossa parte humana, meios para evitar que elementos maus se misturem com os bons. A sentença de condenação deve ser pronunciada por Deus na ocasião da vinda de Cristo, mas o lançamento no inferno deverá demorar até passar o milênio. No caso da Besta (Anticristo), os que a adoram e obedecem; Paulo e João

claramente afirmam que serão conquistados pela glória da vinda do Senhor (II Ts 2:8; Ap 19:15). O lançamento no inferno poderá ocorrer após o milênio quando o julgamento do Trono Branco se realizará, segundo Apocalipse 20:11-15.

O trecho de Mateus 24:32 até 25:46 mostra a preocupação de Jesus com o perigo da Igreja deixar de vigiar durante o período em que ela aguardará a volta de Cristo. A tentação da Igreja durante o intervalo entre as duas vindas de Jesus Cristo, será mesmo essa de não vigiar. Jesus a comparou ao homem que deixando de vigiar permitiu que sua casa fosse arrombada pelo ladrão (Mt 24:43). O Senhor indica que há fatores conhecidos e desconhecidos na escatologia. "Quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão" (v. 32; Mc 13:28; Lc 21:29). Paulo paralelamente diz que ainda que o Senhor virá como ladrão que silenciosamente arromba a casa de noite . . . "vós não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa" (I Ts 5:3-4).

Os crentes que conhecem a Palavra de Deus não devem ser ignorantes quanto aos sinais que mostram a aproximação do dia (Hb 10:25). Ao mesmo tempo Jesus nos previne contra a marcação do dia da sua vinda dizendo, "Vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor" (Mt 24:42). Esta aparente contradição deverá encorajar os crentes a evitar predições quanto à ocasião ou tempo em que Cristo voltará, mas sempre guardar viva a esperança da Sua volta breve.

Como o mundo, nos dias de Noé, não soube que o dilúvio iria chegar e o afogar porque desacreditaram na pregação de Noé, assim acontecerá com a geração que atravessará os eventos que precederão a vinda de Cristo. Perecerão os iníquos por causa da sua incredulidade, enquanto os que crêem estarão de sobreaviso e se manterão moral e espiritualmente alertas. Este trecho não diz que a vinda de Cristo é de fato iminente (isto é, prestes a ocorrer a qualquer instante) nem afirma que Jesus poderia ter voltado à qualquer altura desde o dia que ele pronunciou estes ensinamentos sobre sua vinda. Se como alguns crêem, nada há que impede o arrebatamento, perguntaríamos porque ainda não ocorreu? Deus e sua Igreja estariam apenas marcando o passo?

A exortação que nosso Senhor fez aos discípulos a vigiar (cf. Mc 13:33-37; Lc 12:37-39; Mt 24:42-44) os conclama a estar sempre de sobreaviso, mas não requer uma explicação na qual a segunda vinda poderá ocorrer a qualquer instante. Simplesmente significa que os crentes devem estar sempre preparados para a *parusia*. Devem guardar na consciência a urgência de sempre viver de acordo com a vontade de Deus à luz do julgamento e promessas que se realizarão com o retorno de Jesus Cristo ao mundo. O cristão deve viver lembrando que esta vida é transitória. Não sabemos quando ocorrerá a manifestação do Senhor, por isso devemos permanecer preparados e incansavelmente cumprir a vontade do Mestre. Em sua parábola sobre os servos (Lc 12:37ss) a divisão que Jesus sinaliza não ocorre entre dois

tipos de crentes (espirituais e carnis) mas dois tipos de cristãos professos (verdadeiros e falsos). Isto fica claro pelo castigo visitado sobre os maus servos. Eles serão expulsos da presença do Senhor e lançados fora da comunidade dos remidos para receberem o castigo justo merecido (Lc 12:46).

O Evangelho de João não acrescenta muita luz sobre o fim. Jesus falou em João 5:25 da conversão dos que crêem (chamados "mortos"), que serão ressurretos da morte espiritual porque darão atenção a voz de Jesus Cristo (justamente um caso de escatologia realizada). Os vv 28, 29 falam da ressurreição dos que estão fisicamente mortos.

Uma semelhante colocação que junta mortos nos sepulcros e os que antes foram mortos no pecado, mas agora gozam de vida espiritual sem fim, encontra-se em João 11:25, 26. Pelo fato que Jesus é a ressurreição, isto é, tem poder absoluto sobre a morte física, os que são crentes nele, mas sepultados (como Lázaro estava naquela hora) não permanecerão naquele estado de corrupção. Viverão quando ressoar a última trombeta e se ouvir a voz do arcanjo (I Ts 4:16). Mas Jesus também declara a Marta que quem vive (pela fé) e crê nele, nunca passará pela morte espiritual. Não nos deu garantia alguma que nenhum crente poderá morrer fisicamente. Jesus dá a entender em João 14:3 que Ele tem a segunda vinda em mente porque usa a frase "voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também". Em 21:21-23 Jesus corrige um mal-entendido divulgado entre as igrejas sobre a volta do Senhor, que emanou das suas palavras referentes a João. Falou a Pedro "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?". Não há detalhes escatológicos em João, nem sinais; somente deparamos com os fatos singelos que Jesus voltará e os mortos ressuscitarão. Não houve, de fato, nas palavras que Jesus expressou a Pedro base para sustentar a esperança que Ele voltaria antes que o último apóstolo morresse (Jo 21:23).

A exortação central que nosso Senhor apresenta nos evangelhos é justamente para não perder a visão das verdades chaves acerca dos acontecimentos que marcarão o término desta época.

1) Antes do fim haverá uma extensa manifestação da sutileza satânica, bem como uma ampla demonstração de "luz infernal", que os que não conhecem bem a voz do Bom Pastor não terão meios de distinguir (cf. II Co 11:14). O engano religioso será o veículo que levará um grande número de cristãos professos a cair na armadilha do diabo. Nunca, a não ser na noite da traição de Jesus, haverá tão grande necessidade de rogar a Deus que Ele não nos conduza ou deixe cair na tentação (Mt 6:13; 26:41).

Ambas, Mateus 24:45-51 e Lucas 12:35-48, mostram como os mordomos (quer dizer os pastores) responsáveis por guiar a família de Deus terão que ficar vigilantes para proteger os servos menos amadurecidos na fé. Neste trecho de Mateus "vigiar" significa que o mordomo faz a vontade de seu senhor e trata dignamente os criados e criadas. Fidelidade na disposição dos bens de seu senhor é a marca daquele servo que realmente espera continua-

mente a hora quando o seu serviço será provado pelo fogo (I Co 3:13-15) e "manifesta se tornará a obra de cada um".

2) Outro perigo igualmente destacado nos evangelhos é a perda da esperança da vinda de Cristo. Pensar, "Meu Senhor demora-se em voltar", facilmente produz uma atitude de esquecimento da responsabilidade no mordomo. A parábola das dez virgens destaca este pensamento irresponsável (veja Mt 25:1-13). As cinco prudentes correspondem aos cristãos que ficam ansiosos para ir ao encontro com o noivo em qualquer hora. Não deixaram de esperá-lo, apesar de Ele ter vindo após a demora de muitas horas. Estas são as que o noivo "conhece" e para quem a porta da festa das bodas será aberta. Para as nécias que não tiveram esta convicção, nem demonstraram fidelidade, não há esperança de gozar a comunhão com o noivo, nem receber o convite para entrar na presença de Cristo, quando Ele voltar.

A parábola dos dez talentos (Mt 25:14-30) explica novamente o que significa este termo chave "vigiar". O homem que entrega seus talentos aos seus três escravos, "segundo suas capacidades distintas", manda que façam bom uso dos bens do seu senhor. Vigiar, significa, portanto, obedecer, usar fielmente tudo que Cristo nos confiou no evangelho e os dons distribuídos pelo Espírito. Os dois primeiros servos foram excelentes e fiéis. Alegrem-se se dispuseram para multiplicar o acervo que o Senhor lhes confiou. Mas o último servo não ficou conscientizado da urgência da vida iluminada pelas promessas de galardão ou julgamento que a segunda vinda pronunciaram. Para ele houve uma opção: fazer a vontade do mestre ou a sua própria. No dia do julgamento quantos "servos de Deus" não receberão semelhante condenação porque enganaram a si mesmos? Seguiram os ditames da consciência mas não as eternas palavras do Senhor da Igreja que tinham obrigação de seguir. Enfim, a parábola deixa bem claro que não conheciam pessoalmente a graça do mestre que os chamou. Afirmou Jesus, "muitos são chamados mas poucos escolhidos". Numerosas pessoas se julgaram bons seguidores de Jesus, mas nunca se converteram do domínio do próprio "eu" (Lc 9:23-26).

Mais enfaticamente ainda, o grande julgamento descrito figuradamente pela separação das ovelhas dos bodes em Mt 25:31-46 lança luz sobre a importância de vigiar. A visão é ampla, mesmo cósmica. Jesus Cristo, o Filho do Homem, vindo na sua majestade colocará em julgamento as nações (*ethnē*), no sentido de povos da terra. Quem seriam os chamados "meus irmãos?" (25-40). Alguns acham que serão judeus indicando que nações como o Brasil ou os Estados Unidos devem tratar bem aos israelitas, porque as nações que assim atuarem serão galardoadas por todo benefício que estenderam a Israel. Receberão os seus cidadãos a vida eterna de acordo com a promessa que os "justos irão para a vida eterna" (v. 46). Mas esta interpretação não cabe a esta passagem. Jesus mesmo declarou que seus "irmãos" eram os que nele criam (Mt 12:46-50; Mc 3:31-36; Lc 8:19-21). Os discípulos igualmente são denominados de irmãos (Mt 28:10; Jo 20:17, Rm 8:29).

A separação entre os justos e os malditos se fundamenta na demonstração prática do amor de Deus que o Espírito Santo derrama nos corações dos justos. As ovelhas não são salvas porque trataram com compaixão ao Cristo encarnado e identificado com sua Igreja, mas porque os regenerados não podem deixar de mostrar sua fé viva, praticando obras de amor sacrificial. "O amor de Cristo nos constrange", escreveu Paulo aos Coríntios (II Co 5:14). Não tratava dum sentimento de sentir bem quando ficava na companhia dos salvos, mas de alegremente sofrer para divulgar o evangelho como também servir as igrejas. Tiago corrobora tal afirmação ao advertir que fé que não passa de palavras não é fé viva mas morta e inútil. Quem vive na prática deste amor sacrificial (*agape*) estará vigiando. Estará vivendo conscientemente dominado pela esperança que o Senhor voltará e todos os salvos comparecerão diante do seu tribunal para receber o bem ou o mal que fizeram por meio do corpo (II Co 5:10). É notável que os bodes — isto é, os mordomos infiéis, não ficaram conscientes de nenhuma obrigação não atendida diante dos "irmãos" de Jesus. Como aqueles que Jesus apontou no seu grande sermão, dizem "Senhor, Senhor"; profetizam no nome de Jesus, até expulsam demônios e operam milagres no nome de Jesus; mas não se arrependem, nem se converteram dos seus pecados. A segunda vinda marcará a justa retribuição de tais falsos cristãos, lobos, disfarçados de ovelhas.

Conclusão

A escatologia dos evangelhos não nos oferece ensinamento claro sobre a ordem dos eventos que precederão o fim, nem bases para marcar futuras datas para eventos preditos. Por outro lado, não devemos esquecer as repetidas advertências de Jesus Cristo quanto aos perigos do engano, do esfriamento do amor, o querer fugir da perseguição por qualquer meio, a perda do amor às almas, a falta de visão missionária, e infidelidade no ministério aos irmãos em Cristo em consequência da demora do Senhor que se ausentou por longo tempo. Confirma para nós que ainda não gozamos da realidade das bênçãos do milênio como interpretam os amilenistas. Como explicar esta advertência para o período do milênio amilenista (que comporta o tempo presente) se como Isaías 2 e 11 e Miquéias 4 declaram em termos bem cristalinos e convincentes que não haverá engano nem perigo algum na época em que o Messias reinará? Igualmente difícil é explicar como Satanás, amarrado no abismo, "para não enganar mais as nações", parece inculcar tanto erro e ilusão na Igreja, e nos líderes dos governos do mundo.

Se realmente queremos nos encaixar dentro da visão escatológica de Jesus Cristo, nós os crentes, teremos de tomar a sério o desafio que Jesus lançou para Pedro na noite da traição: "Orar e vigiar para não cair na tentação" (Mc 14:38, Lc 22:40-46). Aos discípulos disse Jesus, "Esta noite todos vós vos escandalizareis comigo . . ." (Mt 26:31). Discípulos e cristãos nunca

ficam tão seguros que não necessitam desta advertência: "Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que rugge, procurando alguém para devorar". (I Pe 5:8). A maioria da Igreja de Cristo se julga bem preparada e orientada para encarar e vencer Satanás.

3

ESCATOLOGIA EM ATOS E NAS EPISTOLAS

Atos

Nos últimos minutos que Jesus passou na terra antes da ascensão, seus discípulos indagaram se Ele pretendia, nessa altura, restaurar o reino de Israel (At 1:6). Cristo não negou o futuro estabelecimento do reino relacionado com Israel, mas refocalizou o pensamento dos discípulos para a necessidade da evangelização, que deveria alcançar os confins da terra (At 1:8). Evidentemente Jesus queria informá-los que o reino visível em que Ele será entronizado como seu rei, não será fundado na terra até que o mundo tenha tido oportunidade de ouvir as notícias salvadoras. O Senhor lançou a "vinda do reino" para além do período indeterminado da evangelização (1:8). O primeiro parágrafo de Atos revela que como Jesus foi assunto ao céu, de igual modo voltará. Antes do reino universal do Messias vitorioso ser inaugurado sobre a terra, deve haver súditos vindo de todos os povos que darão sua lealdade ao Rei Celestial (At 2:36; 3:20, 21). Seu reinado espiritual presente deve alcançar os confins da terra. Assim Cristo está sentado no trono de Seu Pai dirigindo a seus servos e concedendo-lhes o poder para testemunhar das boas novas da sua salvação a todas as raças e povos (At 1:8; 4:13; 16:7; 17:31; 28:31).

A motivação para o arrependimento que Pedro apresenta na mensagem que pregou no templo foi para que em consequência do abandono do pecado, venham "da presença do Senhor tempos de refrigério e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até o tempo da restauração de todas as cousas" (At 3:20, 21). O apóstolo Pedro desejava comunicar com esta colocação, que o recebimento do evangelho pelos Judeus faz parte integral dos acontecimentos que antecederão a volta de Cristo para restaurar o mundo à glória que lhe pertencia antes da maldição provocada pelo pecado de Adão. Esta "restauração" prevista por Pedro deve corresponder ao milênio, também designado "o reino de Deus". Se o milênio será uma restauração do paraíso em escala mundial, o que impede sua implantação na terra é simplesmente a resistência inculcada pelo maligno nos homens contra a mensagem que apresenta Jesus como Senhor. Uma vez que a humanidade tenha sido intimada a arrepender-se e confiar no Senhor Jesus e um número expressivo (só conhecido por Deus) aceitar esta mensagem, a "restauração" se realizará.

As Epístolas Paulinas

Paulo acrescenta algo mais sobre a transformação que ocorrerá na vinda de Cristo quando "a glória por vir" se revelar em nós (Rm 8:18; 14:17). A criação foi subjugada à vaidade (*mataiotēti*, "frustração", "inutilidade", "corrupção"), mas ela será redimida do cativeiro. Esse evento ocorrerá na ocasião em que os nossos corpos serão redimidos e recriados na ressurreição dos justos (Rm 8:19, 21, 23). Paulo usa uma frase em Filipenses que significa literalmente "ressurreição para fora dos mortos" (3:11), indicando que os restantes dos mortos não ressurgirão até depois (cf. Ap 20:6). Desta maneira a maldição pronunciada por Deus contra o primeiro casal e a terra em que eles habitavam (Gn 3:17) será retirada. O apóstolo Paulo informa que a ocasião da ressurreição será marcada (provavelmente precedida) pelo restabelecimento de Israel como povo de Deus pela conversão geral da nação. Evidentemente a reconciliação e conversão dos judeus que se esperava no início da época cristã (At 1:8; Rm 1:16) ocorrerá no fim. Esta passagem oferece uma base bíblica para esperar que a evangelização mundial dos gentios antecederá a conversão de Israel, que será o prenúncio do seu restabelecimento (Rm 11:15; nota-se a condição: "Se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento senão vida dentre os mortos?"). Virá na hora certa e determinada por Deus, uma mudança total na atitude dos judeus em relação a seu Messias. Paulo acrescenta, "Veio endurecimento em parte a Israel até que haja entrado a plenitude dos gentios. E assim todo Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o libertador; ele apartará de Jacó as impiedades" (Rm 11:25b, 26). Mais atenção deve ser dada a esta promessa do que à volta parcial de Israel como entidade política à Palestina e o estabelecimento do Estado de Israel. É verdade que Jesus falou do controle de Jerusalém pelos gentios por um período determinado por Deus (Lc 21:24). Possivelmente o retorno dos judeus e a retomada de Jerusalém em 1967 já marcou o término dos tempos dos gentios previsto pelo Senhor. Se esta interpretação estiver no rumo certo, devemos aguardar com antecipação e esperança o dia em que Deus manifestará sua graça salvadora ao povo da velha aliança. O reestabelecimento da nação política de Israel não foi mencionado nem por Jesus nem por Paulo, mas é claramente prevista a conversão de Israel como nação nas páginas do Novo Testamento. De fato, há uma abertura maior para o evangelho entre os judeus, mas ainda não se verificou uma mudança na escala que Paulo prevê em Romanos 11:25, 26. Certamente deve ser motivo de oração insistente da parte do povo de Deus, esta conversão de Israel. O desfecho dos eventos mais importantes do futuro está interligado com a rendição nacional de Israel e o povo judeu espalhado pelo mundo ao senhorio de Jesus Cristo.

Na sua primeira carta aos Coríntios Paulo acrescenta vários detalhes importantes ao quadro do futuro encontrado nos evangelhos. Por exem-

plo, aprendemos que nem todos os crentes morrerão. Ao ressoar a última trombeta, os mortos ressuscitarão e os cristãos vivos serão transformados instantaneamente, recebendo do Senhor "corpos espirituais". Estes corpos terão as mesmas características daquele que Jesus tem depois da Sua ressurreição (Fp 3:21), sendo capazes de existir no ambiente celestial, irradiados de glória e totalmente submissos ao controle do Espírito Santo (I Co 15:44, 48, 49). Lendo João 5:28, 29 poderíamos concluir que na ressurreição serão levantados todos os mortos, incrédulos e crentes no mesmo instante. Paulo porém, diz que a ordem cronológica da ressurreição será a seguinte: primeiro Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda (I Co 15:23). Então (ou "depois" — seria, segundo a interpretação dos premilenistas, mil anos depois) virá o fim, quando ele entregará o reino ao Deus e Pai (não seria o reino milenar à luz de II Tm 2:12?) após Cristo ter literalmente sujeitado todos os poderes da oposição satânica e humana, debaixo dos seus pés (I Co 15:24). O último inimigo a ser dominado será a morte (v. 26). Paulo não menciona a ressurreição dos incrédulos, em I Coríntios 15, mas podemos deduzir de Romanos 2:5, 6, que todos os mortos um dia virão a ressuscitar para receber o justo julgamento do Senhor no dia do juízo. Jesus parece distinguir entre duas ressurreições, a dos justos e outra dos injustos. Ele disse especificamente que haverá uma ressurreição para "fora dos mortos" (Lc 20:35), isto é, dos salvos dentre os perdidos. Estas passagens confirmam o que João escreve claramente; isto é, que os salvos ressuscitarão antes dos perdidos (Ap 20:4, 12, 13). Aquele será o dia de prestar contas no tribunal de Cristo (II Co 5:10). O dia demonstrará a qualidade da obra que cada servo, bom ou mau, realizou nesta vida. Ela será revelada pelo fogo do juízo. Então se constatará o direito de receber um galardão ou ser salvo apenas como pelo fogo (I Co 3:13-15).

O arrebatamento é mencionado no Novo Testamento pela primeira vez por Paulo (I Ts 4:13). Esse tão esperado evento ocorrerá imediatamente depois da ressurreição dos crentes que "dormem no Senhor" (v. 16). Assim todo o povo de Deus composto dos mortos ressuscitados e os vivos transformados, juntamente subirá para o encontro com o Senhor nos ares. O vocábulo "encontro" (no grego *apantēsin*) sugere (como a mesma palavra em Mt 25:6 e At 28:15, 16 onde alguns crentes de Roma saíram para o "encontro" com Paulo) que este encontro se realizará para acompanhar o Senhor na sua descida dos ares para a terra. Cumprir-se-á deste modo a promessa dada aos discípulos na hora da sua ascensão: "Este Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá como o vistes subir" (At 1:11; cf. Zc 14:4, "Naquele dia estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras").

O apóstolo não reconhece qualquer contradição nas maneiras distintas em que a vinda será encarada pelos incrédulos e os cristãos fiéis. Ainda que este dia do Senhor venha com "repentina destruição" sem permitir que es-

cape qualquer indivíduo não preparado, os filhos de Deus, que estiverem preparados e vigiando, não serão tomados de surpresa (I Ts 5:3-10). Em consequência do ensino de mestres que não eram dignos de confiança, a igreja de Tessalônica ficou mal orientada sobre os eventos que antecederão a vinda do Senhor. A segunda carta foi escrita para acalmar e apaziguar os que acharam que Paulo esperava e ensinara que a volta de Cristo ocorreria a qualquer instante. O apóstolo logo informa aos tessalonicenses que o dia do Senhor não chegará, nem a *parousia* (gr. para a "vinda") e nem nossa reunião com Cristo (uma referência ao arrebatamento I Ts 4:17), ocorrerá antes da apostasia da Igreja e a manifestação do Anticristo. O primeiro sinal que precederá a vinda possivelmente teria acontecido no afastamento das Igrejas Católica Romana e Ortodoxa do evangelho puro. Outra sugestão poderia ser a apostasia mais recente do modernismo humanista protestante indicando que já se cumpriu a predição da apostasia prevista por Paulo. Porém, não parece provável que o segundo sinal do aparecimento do "homem sem lei" (gr. *anomias*) ou o Anticristo tenha sido concretizado. O apóstolo lembra os tessalonicenses daquilo que ensinara como parte integral da catequese dos novos convertidos (I Ts 2:3-5). Já vimos estes dois sinais nos evangelhos (cf. Mt 24:12 "o amor esfriará de quase todos", e Mt 24:15 "... o abominável de desolação no lugar santo"). O apóstolo então explica aos seus leitores porque o "homem sem lei" não aparecera ainda. Ele apresenta o famoso quebra-cabeças em torno de algo e alguém que impedem que ele se manifesta (vv. 6, 7). "O que o detém" é neutro e se refere a alguma coisa que não permite que o Anticristo seja revelado. "Aquele que agora o detém" (v. 7) fala de alguém (masculino no gr.) que o detém. Seria uma pessoa que deve ser afastada antes que este "homem iníquo" seja revelado e depois destituído da vida. "O Senhor o matará com o sopro da sua boca", isto é, com sua palavra, uma simples ordem divina (II Ts 2:8). Concluímos que, segundo Paulo escreve aos tessalonicenses, há dois eventos que precederão a vinda: 1) a Apostasia e 2) a revelação do Anticristo, mas antes deste a retirada de obstáculos que bloqueiam o seu surgimento.

São diversas as tentativas de adivinhar *que e quem* estão em vista, já que Paulo não nos informa. Dr. Ladd crê que fala do Anticristo que surgirá do meio mas somente quando Deus ("aquele que impede") o permitir.¹ Dr. Oscar Cullmann sugere que a pregação do evangelho por todo o mundo, com Paulo na vanguarda, porque Cristo especificamente o vocacionou para ser o apóstolo dos gentios, seria a melhor interpretação. Opinar sem mais evidência não parece recomendável. Os intérpretes dispensacionalistas normalmente identificam "o que impede" com o arrebatamento da Igreja. Quem não permite a manifestação do "Homem sem Lei" seria o Espírito Santo, que segundo esta posição, seria afastado com a elevação da Igreja para os ares an-

(1) *The Blessed Hope, op. cit.*, p. 35

tes da grande tribulação. Não existe apoio no N.T. para esta sugestão. Parece até insustentável à luz duma comparação entre duas afirmações nas Epístolas aos Tessalonicenses. A primeira indica que haverá crentes até a chegada do Senhor na sua *parousia*. Paulo inclui a si mesmo entre os salvos que esperam para a vinda de Cristo: . . . “nós os vivos, os que ficarmos até a vinda (*parousia*) do Senhor” (I Ts 4:15), com II Ts 2:8 que diz que o iníquo “será destruído pela manifestação da sua (Cristo) vinda (*parousia*)”. Nós, os vivos, (membrados da igreja na terra), ficaremos até o Anticristo ser afastado do poder, vencido e lançado no lago que arde com fogo e enxofre na ocasião da vinda do Senhor (Ap 19:20).

Nas Epístolas Pastorais, Paulo novamente aponta para a expectativa que todo crente fiel deve ter quando declara que o Senhor galardoadá com uma coroa de justiça a todos que amam sua vinda no dia em que Cristo voltar (II Tm 4:1, 8). Esta coroa não significa autoridade ou posição real, mas trata-se duma grinalda, tal como foi usada nos jogos olímpicos para honrar os heróis que ganharam nas competições. Repete a informação de cartas anteriores ao apontar para Cristo Jesus como Juiz que “julgará os vivos e mortos pela sua manifestação e pelo seu reino” (v. 1).

Paulo usa uma bela expressão em Tito em relação à segunda vinda chamando-a “bendita esperança” (2:13). O contexto imediato encoraja Tito com a declaração que a graça de Deus se manifestou para salvar a todos os homens (cf. evangelização mundial). Mas educa os crentes em Cristo, a negar às paixões do mundo e viver piamente neste presente século enquanto aguardamos a “bendita esperança e manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo”. A Igreja foi purificada para ser povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras (v. 14). Nossa prioridade, enquanto esperamos o dia em que Ele virá, deve ser de servir, não de recolher-nos isoladamente, afastando-nos de atividades normais da vida como um monge medieval num mosteiro. Viver servindo como Cristo serviu, dentro do mundo como sal e luz, é a vontade de Deus revelada na Bíblia (cf. At 10:38). Aguardar a vinda implica na santificação da Igreja de Cristo. Por isso o ministério da Palavra apresenta o que deve ser contrariado e afastado dos filhos de Deus (v. 13).

A Epístola aos Hebreus

A carta aos Hebreus apresenta o ponto de vista característico do Novo Testamento. Estamos nos “últimos dias” por que Cristo veio, morreu e ascendeu (1:2). Quem está unido a Cristo pela fé já provou ou teve contato com “os poderes do mundo vindouro” (6:5) pela participação no Espírito Santo. Cristo já reina à destra do Pai (1:13), mas não vemos ainda todas as coisas a ele sujeitadas (2:8). Todos os inimigos serão colocados debaixo dos seus pés quando este reino de Cristo se concretizar visivelmente (também denominado de “mundo vindouro” 2:5) e se tornará universal no dia da sua vinda. Aproxima-

ma-se o dia de juízo em que o horrível castigo e fogo vingador consumirá os adversários (10:27). Satanás, que tem o poder da morte será destruído (2:14 *katargeō* — “abolir”, “pôr de lado”, “aniquilar o poder”, não, literalmente acabar com ele mas destituí-lo do seu domínio) assim dando abertura para o domínio universal predito no Salmo 8 (Hb 2:7-8). O dia em que este reino visível do Senhor se revelará está prestes a raiar. “Porque ainda dentro de pouco tempo aquele que vem virá, e não tardará” (10:37). Esse dia será marcado pela ressurreição dos santos, inclusive heróis da fé do Antigo Testamento, na realização do aperfeiçoamento de todos, num único povo de Deus (11:40). Nesse dia haverá uma separação entre o permanente e o passageiro. “Ainda uma vez por todas farei abalar não só a terra, mas também o céu” . . . “significa a remoção dessas cousas abaladas”, mas nós temos recebido um reino inabalável (12:26-28). Este reino também é identificado como a cidade que nós “buscamos que há de vir” (13:14), a mesma “pátria” e “cidade que tem fundamento da qual Deus é o arquiteto e edificador” (11:10-14) Abraão e os patriarcas a buscaram e aguardaram ansiosamente a sua manifestação. Não seria esta a esperança da qual o reinado espiritual presente se alimenta ao contemplar a revelação visível do reino quando o Senhor voltar?

As Epístolas Gerais

Tiago reafirma que a vinda do Senhor está próxima, mas mesmo assim os leitores precisam aguardá-la com paciência (5:7-8). Como o lavrador depois de plantar suas terras, tem então de esperar pacientemente para a colheita, assim também o cristão vive na esperança de receber a “coroa da vida” (1:12), ao vencer as tentações que o assolam. Tiago referia-se particularmente às perseguições que assolavam as igrejas do primeiro século.

O apóstolo Pedro exorta os leitores da sua primeira carta a louvar ao Senhor por causa da viva esperança que a ressurreição de Cristo outorgou (1:3). Crentes verdadeiros são guardados por Deus mediante a fé para a salvação preparada para ser revelada no último tempo (1:3-5) em que Jesus será revelado (v. 7). Os sofrimentos dos cristãos das cinco províncias romanas (hoje Turquia) são um antegozo do juízo que estaria começando pela casa de Deus (a Igreja, cf. 4:17). Pedro não sugere que a Igreja escapará do juízo purificador (veja 4:1) que as perseguições dela apresentam. Pelo contrário, se a tribulação “primeiro vem para nós, qual será o fim daqueles que não obedecem o evangelho de Deus” (4:17). O quadro corresponde à previsão da escatologia dos evangelhos e o Apocalipse. A Igreja sofrerá, sendo purificada pela perseguição, mas o mundo sofrerá o terrível juízo de Deus em consequência do ódio e maldade que os mundanos praticam contra os santos.

O sofrimento do Senhor Jesus Cristo na cruz afirma um princípio muitas vezes esquecido pelos cristãos modernos. “Aquele que sofreu na carne dei-

xou o pecado" (4:1). O que sofre pelo nome e testemunho de Cristo, não estaria deleitando-se ao mesmo tempo nos prazeres pecaminosos (4:3). Perseguição provoca a crise necessária na qual a Igreja escolhe entre Cristo ou o mundo. Outorga forte impulso para a santificação, como o povo de Deus atrás das cortinas de ferro e bambu bem pode testemunhar.

A segunda carta de Pedro encara muito mais seriamente o tema da Segunda Vinda. Podemos sentir o problema da demora da Parousia de Cristo porque escarnecedores lançavam no rosto dos crentes a dúvida com respeito ao fim tal como eles esperavam. "Onde está a promessa da sua vinda?" (v.4). Nada tem mudado, disseram os zombadores, tudo continua normalmente. Eles deliberadamente puseram fora da mente a origem do mundo pela ordem criadora de Deus. Esses falsos mestres esqueciam que da água, da qual saiu a terra firme, veio também o elemento que destruiu esse mundo no dilúvio. Da mesma forma nosso mundo aguarda o fogo destruidor em que os ímpios serão destruídos (v. 7), mas os salvos resgatados, como foi Noé e sua família.

Os leitores talvez ficaram impressionados com a demora da chegada do fim, anulando a esperança de Deus julgar este mundo e Cristo voltar. O apóstolo Pedro lembra os leitores que a demora é sinal de paciência de Deus que é longânimo conosco. Ele permite ainda que anunciemos Sua graça a parentes, vizinhos e mesmo às nações (v. 9). Um dia para o Senhor significa 1000 anos ou 1000 anos um dia, por que Deus não muda de propósito. Primeiramente é necessário que o evangelho seja pregado no mundo inteiro. O desejo do Senhor é que todos se arrependam.

De fato Cristo voltará repentinamente como ladrão (v. 10, a ocasião denominada aqui como "o dia do Senhor"). Nessa data, "os céus passarão com estrepitoso estrondo, os elementos se desfarão abrasados e a terra junto com as obras que nela existem serão atingidas". Todas estas cousas serão desfeitas porque, "os céus serão incendiados e os elementos abrasados se derreterão" (v. 10, 12). A que se referem estas predições relacionadas com a vinda de Cristo como ladrão? Somente os distúrbios e cataclismas celestes como Jesus e João os descreveram devem corresponder ao que Pedro descreve aqui (veja Mt 24:29 e Ap 6:12ss, 8:7). A quarta taça predita por João em Ap 16:8, 9, derramada sobre o mundo queimará homens. Tanto Pedro como João chamam a restituição dos céus e a terra de novo céu e terra (cf. Ap 2:11; Is 65:17; 66:22, idênticos talvez a três outras passagens: a "regeneração" de Mt 19:28, a "restauração de todas as cousas" em At 3:21, e a "redenção da criação" mencionada em Rm 8:21).

Parece que esta passagem é a única em todo o Novo Testamento que sugere que a data da vinda de Cristo é flexível, dependendo não somente de Deus (Mc 13:32; At 1:7) mas também da Igreja. Os remidos não só aguardam como espectadores o desfecho do fim, mas são cooperadores com Deus em apressar (ou retardar) o Dia do Senhor (v. 12). A segunda vinda deve ser, para todos os crentes, verdadeiro desafio para viver santa e piedosamente,

empenhados "por ser achados por ele em paz sem mácula e irrepreensível" (vv. 11, 14). Sentimos de novo a ênfase na última carta de Pedro do mesmo desafio do Senhor Jesus para vigiar e guardar as lâmpadas acesas.

A primeira carta de João lembra os cristãos da Ásia que eles sabem a respeito do fato que o Anticristo virá (v. 2:18). Acrescenta que muitos anticristos (os mestres gnósticos que ensinavam doutrinas e práticas completamente opostas às doutrinas de Cristo) que surgiram dentro da Igreja também saíram dela. João alega que isto nos dá uma base para crer que já é a última hora. Se os leitores (e nós) permanecermos em Cristo (isto é, guardar firmemente a sã doutrina e viver de acordo com a vontade do Senhor) não haverá motivo para tentar fugir *envergonhados da Sua presença* quando Ele vier (2:28). A manifestação de Cristo marcará a transformação que os cristãos almejam — alcançarão sua natureza e suas características "porque havemos de vê-lo como ele é" (3:2). Os que aguardam a vinda de Cristo, naturalmente serão incentivados a se purificarem assim como Ele é puro (3:3).

Conclusão

A escatologia em Atos e nas epístolas acrescenta vários detalhes que não encontramos nos evangelhos e nem no livro de Apocalipse. Entre as profecias mais notáveis destacaríamos:

- 1) A conversão da nação judaica — Rm 11:15, 25s.
- 2) A renovação da criação após a remoção da maldição — cf. milênio — Rm 8:19-24, Is 65:20-25.
- 3) O arrebatamento da Igreja precedido pela ressurreição dos justos para o encontro com o Senhor — I Ts 4:13-17.
- 4) O Anticristo e a apostasia precedem a *parousia*, ocasião em que o homem de iniquidade será destruído pelo sopro da boca de Cristo e pela manifestação da glória na vinda do Senhor — II Ts 2:8.
- 5) O propósito do reino de Cristo será dominar todos os inimigos, inclusive conquistar a morte antes do Filho entregar o reino ao Pai. O último inimigo a ser domado será a morte (I Co 15:23-28, cf. Is 65:20-25).
- 6) A destruição e derreter dos elementos na ocasião da vinda de Cristo, e a possível identificação dos renovados céu e a terra com o período do milênio — II Pe 3:10-13.
- 7) Adoração de Cristo da parte de todos quando Ele voltar, incluindo anjos, homens e espíritos rebeldes — Fp 2:9-11; Ef 1:10; Cl 1:20.

A escatologia fornece base firme para exortação e advertência:

- a) A volta de Cristo está vinculada ao testemunho da Igreja até aos confins do mundo (At 1:8). Podemos e devemos apressar sua vinda evangelizando e arrebanhando os cristãos novos de todos os povos em igrejas locais que alimentam e encorajam os convertidos a crescer até a maturidade em Cristo (Cl 1:28).

b) Cristãos sinceros não devem ficar perturbados com as perseguições, sendo que só com “muitas tribulações entraremos no reino de Deus” (At 14:22).

c) O povo de Deus deve viver para o Mestre e servi-lo de tal modo que não será envergonhado quando Ele voltar. Sua vinda marcará a hora de prestarmos contas diante do tribunal de Cristo (Rm 14:10; II Co 5:10, 1 Jo 2:28).

4

A ESCATOLOGIA DO APOCALIPSE

Introdução

Para muitos leitores da Bíblia, seu último livro oferece um desafio todo especial. Por um lado cremos que é a palavra inspirada de Deus, com a mesma autoridade divina que toda a Bíblia reivindica. Por outro lado, as figuras e simbolismo do livro, por ser uma obra apocalíptica, são tão estranhos que não temos coragem de interpretá-los, nem pregá-los com a devida convicção. Os primeiros três capítulos não apresentam muita dificuldade, mas os últimos dezenove apresentam um grande número de enigmas. A divergência entre as posições tomadas pelos estudiosos e comentaristas não nos anima a tentar buscar para nós mesmos a mensagem que Deus deu a Jesus, que em seguida Ele deu ao anjo que repassou para as igrejas registrada nas quatro visões escritas pela mão do apóstolo João (Ap 1:1). Mesmo assim, o próprio Autor nos encoraja a ler e ouvir as palavras desta profecia para nosso grande proveito (3:3, “Bem-aventurados . . .”).

Há quatro escolas de interpretação do livro do Apocalipse:

1) *A preterista* – entende o livro como uma descrição e exortação aos leitores originais nas sete igrejas da Ásia. Intérpretes desta escola esclarecem a situação contemporânea no Império Romano. Poucas predições ainda restam para ser cumpridas. Os professores Ray Summers e McDowell apresentam esta maneira de entender o Apocalipse nos seus livros.

2) *Histórica-contínua* – Esta posição interpreta o livro como uma predição (não muito detalhada ou óbvia) dos eventos que têm transcorrido desde João até o fim da época. A história da Igreja é o tema do Apocalipse partindo deste ponto de vista.

3) *Idealista ou Espiritual* – Encara o livro como uma descrição não-histórica da luta entre o bem e o mal. A oposição entre Deus e as forças íguas são apresentadas no Apocalipse de forma muito geral e sem pormenores. O elemento de predição de eventos específicos é descontado.

4) *Futurista* – A quarta posição é chamada de “futurista”. Ela dá plena atenção ao fato que o Apocalipse deve ser encarado como um livro profético. Descreve em linguagem figurada, eventos que ocorrerão antes, durante

e depois da vinda de Jesus Cristo. Esta escola está dividida entre os dispensacionalistas e os pré-milenistas clássicos onde se encaixa este estudo. (A posição dispensacionalista ganhou fama com os escritos de Hal Lindsey, especialmente, *A Agonia do Planeta Terra*). Não temos tempo para comentar todas as referências escatológicas no Apocalipse, mas apenas apresentaremos alguns pontos salientes.

As Cartas às Sete Igrejas da Ásia – 1:1-3:22

Este livro Bíblico, como a maioria das passagens escatológicas no Novo Testamento, apresenta mais do que uma predição informativa de fatos e eventos futuros. Jesus Cristo através de João apela ao povo de Deus para deixar seu comodismo e pecado. As igrejas devem se arrepender, vigiar e realmente se prontarem para o Dia do Senhor. As cartas às sete igrejas (cps 2 e 3) se caracterizam por uma chamada à santidade juntamente com elogios pelo alto padrão de vida cristã que algumas igrejas e indivíduos apresentavam. Os galardões oferecidos aos vencedores são realidades escatológicas que serão outorgadas após a vinda de Cristo. Comparar “. . . dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida”, Comp. 2:7 com 22:2: “O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte” (2:11, comp. 20:2, 15). “. . . Será vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida” (3:5, comp. 7:14; 20:12). “Gravarei o nome de Deus, . . . a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome” (3:12 comp. 21:2; 22:4). Uma possível exceção é a promessa que Cristo faz à igreja de Filadélfia no sentido de preservá-la da (ou dentro da) hora “da provação que virá sobre o mundo inteiro” (3:10). Enquanto os intérpretes dispensacionalistas, baseando-se neste versículo, se congratulam no fato que a Igreja não passará pela Grande Tribulação, não notam que apenas poucos versículos na frente Jesus diz, “Eu repreendo e disciplino a quantos eu amo” (3:19). Este texto sugere uma destacada razão pela qual a Igreja deveria passar por grandes perseguições (cf. I Pe 4:17). A Igreja deve regozijar-se ao receber a disciplina purificadora que todo o filho verdadeiro deve experimentar (veja Hb 12:5 onde as mesmas duas palavras “repreendo” [gr. *elegchō*] e “disciplino” [gr. *paideuō*] aparecem no original).

Quem se atreveria a dizer que a Igreja dos nossos dias não necessita de disciplina do Pai Celestial? Mas por outro lado, não deve ser identificada a perseguição da Igreja pelos iníquos com a ira de Deus que Ele derramará sobre os rebeldes da terra (cf. I Ts 5:9 . . . “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação”). Deus disciplina seu povo por intermédio da opressão que tem sua origem na oposição satânica. Mas a ira divina se manifesta contra toda iniquidade (Rm 1:18), e especialmente será visitada futuramente sobre a Besta e seu súditos, que de bom grado apóiam suas nefastas artimanhas.

A Visão da Adoração no Céu e a Abertura dos Sete Selos – 4:1-8:5

Não encontramos no convite de Jesus ao profeta João para subir ao céu (4:1), a mínima base para concluir que esta passagem representa a Igreja sendo futuramente arrebatada. O que realmente se reveste de suma importância na descrição da adoração celestial nos caps. 4 e 5 é o rolo (livro) escrito “por dentro e por fora” e selado com sete selos. Deve ser um símbolo da herança que os santos aguardam para receber quando Jesus Cristo voltar. Na antiguidade uma última vontade era selada na presença do indivíduo que distribuiria seus bens segundo a disposição escrita no rolo. Depois era selado na presença de testemunhas. Após a morte do testador, fazia-se a repartição na presença das testemunhas da herança nos termos escritos no rolo em que se guardava seguramente a última vontade. Evidentemente o rolo não podia ser aberto e nem lido até que o último selo tivesse sido quebrado. Por essa razão a abertura do último selo no Apocalipse coincide com os eventos que marcarão a vinda de Cristo e o recebimento da herança da parte dos santos no milênio, o reino visível do Soberano Príncipe (cf. 11:15). Só Jesus Cristo, o Leão da Tribo de Judá (isto é, o Rei ungido para reinar sobre o mundo), e ao mesmo tempo o Cordeiro “como se tivesse sido assassinado” (símbolo da eficácia da morte de Cristo para salvar a todos durante toda a história), tem vencido para abrir os selos. Esta descrição dramática significa que somente o Senhor exaltado tem autoridade para controlar os eventos que culminarão na Sua volta ao mundo para reinar (5:5, 6).

Logo em seguida é confirmado o fato de que o privilégio exercido pela Igreja de reinar com Cristo no milênio, depende da incorporação na Igreja de representantes “de toda tribo, língua, povo e nação”. São aqueles desconhecidos estrangeiros e distantes “ateus” (Ef 2:12), das mais diversas raças e línguas que foram comprados com o sangue de Cristo, que terão que conhecer e receber a salvação que Jesus lhes outorga. A estes, diz o autor, Deus constituiu “reino e sacerdotes e reinarão sobre a terra”. Manifestarão o destino dos redimidos e o privilégio de compartilhar a herança do Senhor Jesus, reinando na terra (cf. Ap 20:6 com Rm 8:17).

Após a adoração universal de todos os seres inteligentes existentes (nesta visão proléptica, isto é, uma visão futura descrita como se já tivesse sido cumprida 5:12-14), aquela adoração que será oferecida a Cristo quando ele voltar (também afirmada em Fp 2:9-11), Jesus abre os primeiros quatro selos (6:1-2). O primeiro é dum cavalo branco com seu cavaleiro que representa a presença de Cristo dirigindo seus servos que proclamam o evangelho ao mundo (cf. Mt 24:14; 28:20; Mc 13:10). A cor branca e a conquista definitiva do guerreiro (indicada pela frase “vencendo e para vencer”) sugere que é isso o que representa este selo. Outros estudiosos interpretam o primeiro selo no sentido de julgamento sobre a terra, paralelamente aos outros três cavaleiros.

Ao abrir-se o segundo selo, aparece um cavalo vermelho no mundo, representando a guerra e a morte dos homens pelas armas (cf. Mt 24:6). Notavelmente deve-se notar que a paz almejada pelos homens não será alcançada até a vinda do Príncipe da Paz e o estabelecimento do seu reino (cf. Is 9:6).

O terceiro selo revela um cavalo preto montado por um cavaleiro trazendo uma balança. Simboliza a falta de alimentos ao mesmo tempo em que há a fartura. Jesus advertiu que "haverá fomes . . . em vários lugares" (Mt 24:7). Os produtos de luxo ("azeite e vinho") para os ricos e homens importantes da terra não padecem cortes.

Quando o quarto selo foi aberto, deparamos com um símbolo no cavaleiro amarelo de caos universalizado na morte dos homens por pragas, guerra e feras (6:7, 8). Uma quarta parte da população do mundo perde a vida com este conjunto de males. Os quatro primeiros selos parecem descrever a história em geral desde a primeira vinda de Cristo até começar o período final de conflito entre as forças satânicas lutando contra Deus e seu povo. Jesus advertiu que ainda que guerras, fomes e terremotos venham, não marcam mais do que um "princípio das dores" (Mt 24:8). Os discípulos não devem ficar assustados com o caos que caracterizará o período porque "ainda não é o fim" (Mt 24:6b).

A abertura do quinto selo (6:9-11) marca o martírio dos santos já mortos até à altura em que João escreve. As almas dos mártires que estão debaixo do altar clamam a Deus, para que Ele visite seu julgamento sobre "os que habitam na terra". Esta frase característica do Apocalipse refere-se aos que perseguem os fiéis sem justo motivo. Também prevê mais mortes entre os santos perseguidos que completará o número dos mártires previstos por Deus antes de Cristo voltar. Evidentemente se trata da Grande Tribulação (7:14) na qual um grande número de cristãos será decapitado (20:4).

O sexto selo (6:12-17) nos transporta até o período imediatamente antes da Vinda, quando o céu se recolherá (v. 14), o sol aparecerá negro como saco de crina, a lua como sangue e as estrelas cairão (cf. Mt 24:29; II Pe 3:10).

O sétimo selo não é aberto sem primeiro descrever a selagem do povo de Deus representado pelos 144.000. O simbolismo do ato de selar estes servos de Deus comunica a segurança e proteção divina com que os cristãos podem contar. O selo provavelmente significa o Espírito de Deus que todo o crente possui. Oferece a garantia da proteção espiritual diante dos ataques de Satanás e o terror provocado pelas forças do mal (cf. Jo 10:27-29; Ef 1:13). Em consequência desta selagem, os demônios soltos na ocasião quando a quinta trombeta é tocada não alcançarão qualquer vantagem sobre os que têm o selo de Deus (9:4). É importante reconhecer que o selo de Deus não outorga qualquer proteção física. Os selados são massacrados por causa da sua lealdade ao Cordeiro que os pastoreia (7:14; 14:1-5; 12:11, etc.). Porque

os seguidores de Cristo não temem os que matam o corpo mas não podem matar a alma (Mt 10:28), não deve ser considerada uma falha divina o fato de que Deus não oferece segurança ou proteção ao corpo. Pelo contrário, como Paulo desejava conformar-se com a morte de Jesus Cristo, assim também ocorrerá com os que consagram plenamente suas vidas e corpos a Deus (cf. Fp 3:10; Rm 12:1).

Os dispensacionalistas crêem que os 144.000 selados representam judeus que serão salvos depois do arrebatamento da Igreja. A estes judeus-cristãos Deus dará a missão de proclamar o evangelho do reino, uma vez que Paulo nos informa que todo Israel será salvo (Rm 11:25, 26). Nós porém, achamos mais provável que este símbolo se refira a toda a Igreja composta de judeus e gentios (Gl 3:28), vista pelo prisma da sua eleição e perfeição em Cristo (cf. Gl 6:16).

As dez tribos, também chamadas "as tribos perdidas", do Reino do norte que foram levadas pelo cativo dos reis assírios Salmaneser e Sargão II (722 a.C.) para o norte da Assíria (I Rs 17:3-6), se espalharam e misturaram com os gentios. Desta feita essas tribos não estão meramente perdidas, mas não existem mais como povos identificáveis. Por isso concluímos que a figura mostra a união dos crentes judeus (todos salvos) com a "plenitude dos gentios", todos unidos no Israel perfeito de Deus (cf. Gl 6:16). Estes 144.000 servos selados são apresentados no cap. 7 antes da Grande Tribulação, mas em 14:1-5, eles comparecem com Cristo no paraíso após a vinda do Senhor. Todos serão preservados pelo poder do Senhor. Em 21:10, 16, 17 encontramos números relacionados com 144.000 (12 x 12 = 144) para indicar as medidas da Nova Jerusalém, também uma figura da Igreja (veja 21:2, 3). A cifra com certeza não deve ser entendida literalmente mas como um símbolo de totalidade e perfeição. Como não deve haver nenhuma cadeira desocupada na festa das bodas do filho do rei (Mt 22:2-10; cf. Lc 14:15-23), assim as figuras para a Igreja no Apocalipse não admitem uma sugestão de imperfeição ou dalguns salvos capturados por Satanás.

Se esta maneira de entender quem são os 144.000 selados está correta, "a multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas", também deve referir-se à Igreja, porém, agora vista após a vinda de Cristo, composta de cristãos congregados de todo o mundo. À pergunta levantada por um ancião que indaga sobre a identidade dos que se vestem de vestiduras brancas, João responde, "Meu Senhor, tu o sabes" (7:14). O ancião prossegue a informar o Apóstolo que foi essa multidão que passou pela "grande tribulação, lavaram suas vestiduras . . . no sangue do Cordeiro" (7:14). As cenas descritas no Apocalipse não seguem uma ordem cronológica, mas são apresentadas como fotografias separadas. Elas focalizam verdades importantes para encorajar os cristãos perseguidos que sofrem como vítimas dos ataques do diabo e de seus aliados entre os homens.

Por isso a abertura do sétimo selo não ocorre necessariamente depois que o sexto selo foi aberto. Apresenta a cena na qual as sete trombetas to-

carão. Quanto ao tempo ou seqüência desses últimos selos não temos base para opinar. É possível que as trombetas revelam mais detalhes paralelos ao quarto selo ou aos quinto e sexto selos. O Apóstolo não tinha intenção de informar a seus leitores sobre a seqüência dos eventos do Apocalipse.

As Trombetas – 8:6-11:19

As primeiras quatro trombetas tocam, mas o efeito destrutivo se limita à natureza, portanto à humanidade indiretamente (8:7-12). Vemos indícios de pragas visitadas sobre o Egito antes da emancipação dos israelitas (Êx 7-12). Tudo sugere que a intervenção divina julgando a humanidade perseguidora se mistura com a graça. Os homens deveriam reconhecer o poder de Deus em mandar estas pragas e voltar dos caminhos errados para glorificá-lo.

1) Quando é tocada a primeira trombeta, saraiva, fogo e sangue destroem a terça parte das árvores e a erva verde do mundo. Destaca-se a parcialidade da natureza destruída pela fração “um terço” nesta trombeta e nas três seguintes.

2) A segunda trombeta sinaliza o lançamento dum monte ardendo no mar que destrói uma terça parte das criaturas e transforma o mar em sangue. Até um terço das embarcações no mar acabam sendo despedaçadas.

3) A terceira trombeta lança uma estrela ardendo sobre as fontes de águas doces. Em consequência uma terça parte dessas águas se tornam venenosas, resultando num grande número de homens morrendo.

4) A quarta trombeta marca o escurecimento da terça parte do sol, da lua e das estrelas para que deixassem de brilhar durante uma terça parte do dia e da noite. Estes julgamentos limitados deveriam incentivar os que habitam na terra a se arrependem e buscar a Deus. Descrevem a ira de Deus derramada sobre os homens diretamente. A grande voz da águia voando pelo céu adverte a humanidade sobre este “Ais”, isto é, as três trombetas que ainda tocarão (8:13).

5) A quinta trombeta prediz os terríveis tormentos que os demônios visitarão sobre a humanidade ímpia (9:1-12). Parecem gafanhotos por causa do incalculável número deles, antes presos no abismo, mas depois de tocar esta trombeta, soltos para torturar cruelmente ao mundo incrédulo. O abismo é outro nome da prisão dos espíritos rebeldes, também chamada “Tártaro” (II Pe 2:4). Este mesmo abismo servirá para aprisionar Satanás durante o milênio (Ap 20:1-3). Os gafanhotos infernais causam dano (sofrimento e angústia) comparável ao escorpião durante um tempo limitado de cinco meses, mas não serão permitidos a matar os homens. O nome do rei dos demônios-gafanhotos é Abadom em hebraico e Apoliom em grego, ambos significando “destruidor”. Claramente o objetivo nas torturas que afligirão a humanidade, do lado satânico, é a desintegração psicológica e espiritual das suas vítimas.

Como a ira de Deus, segundo Romanos 1:18-32, separa o pecador do controle divino sobre sua vida, é natural que a crueldade demoníaca substituirá a manifestação do amor de Deus (cf. Mt 5:45).

6) A descrição da sexta trombeta não oferece fundamento para dizer se trata-se dum exército de soldados humanos, vindo do oriente, que destruirá uma terça parte da humanidade (seria igual à guerra de Armagedom?) ou se é uma outra praga deflagrada por forças satânicas.

Devemos perceber que estes terríveis sofrimentos são permitidos por Deus para levar os homens ao arrependimento. Porque não teriam a inteligência de reconhecer que Satanás e suas hostes são inimigos vorazes, totalmente destituídos de amor algum? Sofrer os ataques e terror dos demônios deveria forçar a humanidade a buscar com toda pressa uma aliança com Deus, porém a dureza dos seus corações e o prazer no pecado não permite outra consequência senão continuar nas práticas da idolatria e dos pecados mais grosseiros (9:20, 21).

O intervalo (10:1-11:14) que separa a sexta trombeta da sétima é preenchido pelo relato do profeta João recebendo e comendo um livrinho que era doce como o mel enquanto permanecia na boca, mas tornou-se bem amargo no estômago. Esta cena simboliza o recebimento da mensagem profética, junto com o prazer que João sentia em transmiti-la. A amargura, por outro lado, refere-se ao sofrimento pelo qual passarão os que experimentarão o cumprimento dessas profecias de julgamento que será descrito nos capítulos seguintes. Subjacente a estas visões do futuro, descobrimos uma característica básica da escatologia judaica e cristã. Trata-se da tensão entre a justiça de Deus e sua longanimidade. “Já não haverá demora” (10:6) precede a seção 10:7-11:13, que novamente prevê a missão da Igreja promovida pelo amor paciente de Deus, representada pelo testemunho e martírio das duas testemunhas. Ainda que o juízo e a graciosa paciência pareçam contradição, devemos descartar essa possibilidade. Não deixa de ser intencional. Desta forma João quer que seus leitores entendam que ainda que o tempo seja curto (cf. 1:3; 22:10) e a última trombeta tocará logo (11:14), e não haverá demora (10:6), Deus continua a demorar. A Igreja continua sendo convocada a proclamar sua fé, dando testemunho e sofrendo martírio (11:1-13). Iminência e esperança se juntam neste período da graça inaugurado pela morte e ressurreição de Jesus Cristo. Será finalizado na Vinda do Senhor.

A medição do santuário (11:1) representa tal como a selagem dos santos no cap. sete, a proteção espiritual (não física) dos membros regenerados da igreja. O átrio exterior não deve ser medido por que será pisado pelos gentios por 42 meses (cf. Lc 21:24). O mesmo período cobre o tempo que as duas testemunhas profetizam (1260 dias = 42 meses). Quem seriam estes dois servos? A descrição repleta de alusões ao Antigo Testamento sugere Moisés e Elias ainda que parece mais provável ser símbolo da Igreja composta de crentes judeus e gentios (Gl 3:28; Ef 2:11-22). A besta (mencionada

pela primeira vez no Apocalipse) que surge do abismo (cf. 9:1), simboliza o Anticristo (veja Dn 7:7ss), que lutará tão ferozmente contra o povo de Deus, matando os santos (cf. 12:11, 13:7). As testemunhas têm o poder de Elias e Moisés (11:6), mas serão mortos e seus cadáveres jazerão 3 1/2 dias (provavelmente equivalente aos 42 meses de Daniel) na praça à vista de todo o mundo. Após a passagem dessa meia semana serão ressuscitados e arrebatados ao céu.

Este quadro provavelmente representa a primeira ressurreição e o levantamento dos cristãos para o encontro com o seu Senhor (cf. I Ts 4:13-18). Logo a sétima trombeta (seria a "última" de I Co 15:52) anuncia que o reino de Cristo está estabelecido com poder (Ap 11:15). Esta predição combina perfeitamente com Apocalipse 19 e 20 que prevêem a vitória completa do Senhor Jesus Cristo sobre toda a oposição cruel do Anticristo, apoiada pela humanidade iníqua e perseguidora.

Não devemos ficar surpreendidos que ao mesmo tempo encontramos uma indicação da conversão de alguns, indicada pela frase, "deram glória a Deus" (11:13b). Os que não morreram com o terremoto que destruiu a décima parte da cidade (simbolizada por Roma, Jerusalém e Sodoma) ficaram aterrorizados, mas depois louvaram a Deus. Seriam os judeus que se converterão nessa altura? Não há certeza mas podemos deixar em aberto essa possibilidade.

A Visão da Mulher, o Dragão e as Bestas – 12:1-13:18

Uma nova divisão importante do Apocalipse começa no capítulo doze. João abre uma brecha para informar-nos sobre o motivo e forma de manifestar a hostilidade que Satanás e seus seguidores têm contra os santos. São várias personagens destacadas que entram em cena nos capítulos 12 e 13.

1a.) A mulher vestida do sol simboliza o povo ideal de Deus (cf. Is 54:1; Gl 4:26). No Antigo Testamento Israel é designado a esposa do Senhor. Também a Igreja recebe o título de Noiva de Cristo (Jo 3:29; II Co 11:2; Ef 5:25-27).

2a.) O dragão com sete cabeças e dez chifres refere-se a Satanás. Deve ser comparado à quarta besta mencionada em Dn 7:7, 24 que mostra o seu poder e arrogância como quem pretende sublevar e tomar pela força a autoridade do Senhor que unicamente tem direito de domínio absoluto sobre a criação.

3a.) O filho varão, (v. 5) não pode ser outro senão Jesus Cristo que regerá as nações com um cetro de ferro (Sl 2:9). Somente a encarnação e a ascensão de Jesus Cristo estão em vista aqui. A fuga da mulher para o deserto onde ela (o povo santo de Deus) recebe sustento durante 1.250 dias, mostra o cuidado que Deus terá pelos seus filhos. Após sua derrota na luta contra o arcanjo Miguel, Satanás será expulso do céu. Sua cólera ascende em conse-

quência da sua derrota. Persegue os cristãos que também o vencerão por causa do sangue do cordeiro (quer dizer, a justificação plena), a palavra do seu testemunho (não negaram ao seu Senhor) e porque não amaram suas vidas até à morte (foram dispostos a morrer antes de ceder às falsas reivindicações do diabo, 12:7-12).

A perseguição da mulher (vv. 13-17 acrescentam um relatório mais detalhado sobre a fuga mencionada em 12:6) não consegue êxito. Ela recebe asas duma águia (próteção divina) para fugir para o deserto, onde passará 1.260 dias ou 3 1/2 anos (um período tornado notável para os judeus porque ficaram oprimidos por Antíoco Epifânio durante três anos e meio; cf. Dn 7:25). O rio que o dragão arrojara contra a mulher significa tribulação, mas não conseguirá o seu alvo. Ele peleja mas de maneira frustrada, contra o restante da sua descendência, o que se refere aos crentes, distinguidos do filho da mulher (v. 5).

4a.) A quarta personagem é a besta de dez chifres e sete cabeças que emerge do mar (13:1). Esta figura simboliza o Anticristo. Como o Messias de Deus foi encarnado para revelar o Pai e salvar os homens, a besta revela Satanás. Assim o diabo, apoderando-se de tal forma dum homem, sugere uma encarnação do próprio Satanás. Seria um homem que como Domiciano (o imperador romano na época em que o Apocalipse provavelmente foi escrito) foi chamado *Dominus et Deus noster* (Nosso Senhor e Deus). A visão aqui representada tem suas raízes no império romano, mas prevê o futuro período de Grande Tribulação (7:14) no fim da história. Este homem, imbuído de poder satânico, será golpeado numa das sete cabeças. Porém "a ferida mortal foi curada" (13:3). Seu poder durará apenas por 42 meses (v. 5). A besta lutará contra os santos, os quais também vencerá (matando-os). Apoderar-se-á do poder político sobre todas as nações e povos (13:7). Os que a adoram são justamente os que não se encontrarão entre os salvos porque seus nomes não foram escritos no livro da vida. Mesmo sendo vítimas de tamanha perseguição, o Senhor exorta aos cristãos sofridos, que de maneira nenhuma deverão recorrer à violência contra as forças do mal (cf. Ef 6:12). A atitude requerida dos santos de Deus é a paciência e fidelidade. Devem revelar aquela confiança no Senhor que tem caracterizado os homens de Deus quando perseguidos através dos séculos.

5a.) A segunda besta sai da terra (13:11). Por ser aliada à primeira e ao dragão (12:3), deparamos com uma trindade infernal. Pode ser uma possível tentativa por parte do diabo de duplicar a realidade da Santíssima Trindade original. O dragão entrega sua autoridade ao Anticristo (14:4), assim esta primeira besta reparte seu poder ao falso profeta (nome alternativo desta última besta surgida da terra) (16:13).

A atividade desta última besta tem o alvo de levar os homens a adorar o Anticristo (comparar o Espírito Santo que glorifica a Cristo, Jo 16:14 com Ap 13:12). Recebe poder sobrenatural para operar milagres e enganar a população pagã do mundo (vv. 13, 14). O auge das maravilhas que consegue ope-

rar será dar vida à imagem do Anticristo, para que ela tenha uma razão mais convincente para reivindicar adoração dos homens. Desta forma a humanidade toda ficará dividida entre os adoradores do Senhor Jesus Cristo e a besta por meio da sua imagem, que igualmente receberá culto realmente satânico. Assim chegará a seu auge a guerra entre Deus e Satanás, que não fica satisfeito até tomar para si tudo que pertence ao Criador.

Os que adoram a imagem da besta receberão uma marca que lhes dará o direito de comprar e vender. Por outro lado os cristãos fiéis, que recusam a adorar a besta, serão totalmente excluídos da vida econômica do mundo. O número da besta é 666. Talvez devemos pensar apenas em sua incapacidade de atingir o número 777, que nós daríamos Àquele que é três vezes santo e perfeito em todos os seus atributos divinos. O número "7" tem um significado todo especial no Apocalipse, apontando sempre para a perfeição de Deus e com o que Ele faz e conta. Tentativas de interpretar este número simbólico "666" para indicar um homem com nome específico não têm logrado sucesso. Dando a soma dos valores das letras que compõem o nome "Nero César" em hebraico alcança-se o total de "666". Mas seria esse nome que foi tencionado pelo autor?

Os 144.000 No Paraíso – 14:1-5

O capítulo 14 mostra os 144.000 em pé no Monte Sião (o paraíso); 14:1-5 é paralelo a 7:9-17. Descreve a glória daqueles que resistem até à morte as investidas das bestas. O novo cântico (v. 3 como o de Moisés na vitória sobre o Faraó, Êx 15, cf. 15:2-4) comunica a gloriosa vitória dos santos que permaneceram fiéis a Jesus Cristo. Não se prostituíram cultuando os ídolos e não mentiram, negando que eram súditos reais do Senhor. O selo protetor do Espírito Santo da Vida os guardou. Na antiguidade o selo marcava posse, lealdade, segurança, dependência e proteção.¹ Por isso concluímos que só pela graça de Deus, é que os cristãos vencem na morte os que tentam aniquilá-los.

Três Vozes de Anjos – 14:6-12

Prossegue o profeta João relatando as proclamações de três anjos. A cena apresenta o juízo que deve eclodir subitamente, como uma tempestade sobre a terra. As vozes antecipam eventos que devem ocorrer brevemente.

(1) Ellul, J. *Apocalypse, The Book Of Revelation* (N. Y. Seabury Press), 1977 "O selo tem um papel essencial na sociedade e no simbolismo. Ao mesmo tempo veda e garante conhecimento; o que fecha a carta enviada a uma pessoa que tem o direito de receber informações contidas nela, e também atesta, autêntica, aquela informação". (p. 38).

O primeiro anjo tem o evangelho eterno para ser pregado aos moradores da terra. O dia da graça salvadora ainda não findou. Apenas poderá acabar depois que os povos tiverem o privilégio de ouvir as boas novas, temer a Deus e oferecer-lhe a glória em adoração (vv. 6, 7, cf. 5:4, 7:9).

O segundo anjo anuncia a queda da terrível cidade, Babilônia, o símbolo de opressão, luxúria e corrupção, mas especialmente da cruel perseguição dos cristãos (v. 8). Este prenúncio acerca da destruição da capital do mundo será expandido com muitos pormenores nos capítulos 17 e 18.

O terceiro anjo proclama em alta voz uma advertência aos cristãos apóstatas que definitivamente rejeitaram a graça de Deus (14:9-12). Adoram a imagem da besta, portanto conseguem alívio na perseguição bestial, mas mil vezes pior será o tormento interminável do inferno, para onde serão enviados os que desprezam a graça de Deus para adorar o substituto satânico. O Anticristo almeja receber as honras que pertencem única e exclusivamente ao Senhor Jesus Cristo. Por isso pressionará a toda a humanidade para decidir entre ele e Deus. O martírio será sua arma final.

Mais uma Bem-aventurança – 14:13

A quarta voz pronuncia a segunda bem-aventurança no Apocalipse para os que morrem no Senhor (v. 13). A primeira bem-aventurança tinha o seu enfoque nos que conhecem e guardam a Palavra (1:3). A terceira bem-aventurança alcançará todos os que aguardam a vinda do Senhor com vidas santas (16:15).

Esta bem-aventurança oferece aos cristãos perseguidos a garantia que a morte não terá qualquer motivo de terror, mas por ela alcançarão o descanso das fadigas da terra. O serviço que prestarão ao Senhor "dia-e-noite" (7:15), uma vez promovidos à presença de Deus, não cansa. Será experiência interminável de pura alegria.

A Colheita – 14:14-16

O Filho do Homem assentado numa nuvem branca (cf. Dn 7:13) representa Jesus Cristo coroado, e reinando (At 2:36). Um anjo (mensageiro) sai do templo (isto é, o trono de Deus) para proclamar a ordem para ceifar a colheita da terra. Devemos lembrar de colheitas de julgamento em Joel 3:13, e também das parábolas de Jesus (exs. Mt 13:30, Mc 4:29). Possivelmente esta descrição trata da *parousia*, o arrebatamento efetuado por Cristo pelo qual separará os fiéis dos que não reconheceram o seu senhorio. Pode ser que a "foice" (v. 16) que colhe a humanidade represente o julgamento e o arrebatamento que precederão imediatamente à vinda de Cristo para estabelecer seu reino na terra (cf. 20:4).

O Lagar de Julgamento – 14:17-20

Outro anjo, porém, de menor autoridade é mandado para colher os cachos de uvas da terra, porque já amadureceram. O tempo propício para a vingança de Deus pedida pelos mártires (6:10) chegou (cf. Rm 2:5). A colheita reúne os inimigos de Deus e os lança dentro do seu lagar para serem pisados fora da cidade (20). Jesus sofreu fora da cidade (cf. Hb 13:12); agora homens insolentes receberão sua justa recompensa. A largura e profundidade do rio de sangue, que tem o comprimento da Terra Santa, não deve ser interpretada literalmente. Deve ser uma figura para impressionar quão terrível será a retribuição divina.¹

O parêntese de caps. 12-14 inserido para descrever a luta entre a Igreja e as forças satânicas, conclui com as visões da segunda vinda.² Voltamos agora às séries de julgamentos apresentados nos selos, trombetas e finalmente nas taças.

O Julgamento das Taças – 15:1-16:21

Estas sete taças são cálices³ cheios de ira de Deus (cf. Is 51:15ss. Êx 15:1-8). São as últimas pragas, como as que precederam o Êxodo, porque serão coroadas com êxito no seu propósito, a libertação do povo de Deus do seu cativo (cf. 11:8). A ira de Deus acabará com a destruição do Anticristo e suas hostes (19:20-21) e a vinda do Senhor (19:11-20:10).

Os santos que venceram a besta já atravessaram o mar de cristal misturado com fogo da santidade e justiça de Deus (15:2), tendo sido resgatados por Deus como foram os israelitas (Êx 14:15ss). As harpas nos lembram dos 144.000 (14:2) e o cântico de vitória de Moisés (Êx 15); as palavras são distintas mas a mensagem de vitória em síntese é a mesma.

O “cântico do Cordeiro” louva Aquele que os resgatou, pois este canto tem como tema Jesus, que com seu próprio sangue tornou vermelho o mar que separava Deus dos pecadores. Assim abriu o caminho da reconciliação. Tão estupenda é sua vitória que desafia toda linguagem humana para descrevê-la.

A declaração “Grandes e maravilhosos são os seus atos”, põe em cartaz toda intervenção divina na história desde a criação até o estabelecimen-

(1) G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation* (Gr. Rapids: Eerdmans), 1974, p. 230.

(2) *Ibid.*, p. 231.

(3) O cálice cria um simbolismo duplo com profundas raízes no texto sagrado. É por meio dum cálice que os cristãos tomaram o sangue vertido por Cristo, à figura da ira de Deus sofrida substitutivamente por nós no Calvário. Também o cálice da ira derramada demonstra o Todo-poderoso em ato de vingança absoluta e total (cf. J. Ellul, *op. cit.*, p. 38).

to do seu reino vitorioso (cf. Sl 92:5, 111:2). O título Senhor (Yavé) Deus, o Todo-Poderoso aparece em Amós 4:13. A justiça do seu trato (“caminhos”) é reconhecida em Sl 145:17 como a sua verdade (cf. Dt 32:4). Rei das nações ou dos tempos segundo alguns bons manuscritos (isto é, a eternidade), quem não temerá e glorificará o seu nome? Um dia o politeísmo, o ateísmo e o agnosticismo desaparecerão por completo. Será impossível deixar de honrar a Deus (cf. Fp 2:10, 11) quando Ele se manifestar aos homens. Só ele pode ser descrito como “santo” (cf. I Sm 2:2), absolutamente perfeito e separado de toda a contaminação de injustiça. Os povos sem exceção virão para adorá-lo porque seus julgamentos têm sido revelados (v. 4).

Em seguida abriu-se a porta do lugar santo do tabernáculo celestial (cf. Êx 25:9, 40; Hb 8:5). Saíram os sete anjos com as sete pragas, vestidos de maneira apropriada para lembrar os sacerdotes que ocupam o santuário original no céu (cf. Hb 9:24). O templo encheu-se de fumaça, símbolo da glória e poder de Deus (cf. Is 6:4) impedindo toda criatura de entrar no santuário até serem derramadas as sete pragas sobre a terra (15:8).

As Pragas Naturais – 16:1-9

As primeiras taças se assemelham às primeiras quatro trombetas, como também algumas pragas mandadas sobre os egípcios (Êx 7:10). A distinção aparente entre as duas séries no Apocalipse é que as trombetas terão o propósito de pressionar os que habitam na terra para se arrependem. As taças, porém, terão a finalidade de aniquilação de todas as forças que lutam contra Deus, e remover a fonte da perseguição (particularmente as taças de números 5-7, cf. 16:10-21). Esta punição, descrita pelas úlceras infetadas sofridas pelos adoradores da besta (v. 2), o mar transformado em sangue (isto é, o tipo que enche as veias dum cadáver), como também os rios e fontes passando a jorrar sangue para os perseguidores beberem, reúnem juízos absolutamente merecidos. É a justa retribuição, proclama o anjo da água, em vista do sangue dos santos que os impiedosos perseguidores derramaram (vv. 5, 6).

A quarta praga não tem seu paralelo nas pragas do Êxodo, mas faz uma patente distinção entre o juízo que atingirá os inimigos de Deus que blasfemam seu nome e os fiéis que no galardão futuro, nunca sofrerão qualquer castigo por causa do pecado que cometeram (comp. 7:16). Nem sede, nem fome e nem calor jamais atingirão os santos, que não sofrerão mais dores (21:4).

As Pragas Políticas – 16:10-21

Usando três pragas do Êxodo como base, João contrasta os desastres da antiguidade com os últimos três flagelos vindouros. Não se trata aqui de

três dias de escuridão, mas o trono e o reino da besta são castigados com trevas que produzem angustiantes dores e úlceras. Os sapos não são mais animais nojentos surgindo do Nilo, mas sapos-demônios que operam milagres e iludem os incrédulos para crerem nas mentiras da propaganda da besta. Nunca houve terremoto como aquele que destruirá as cidades das nações (vv. 18, 19). Também jamais houve na história saraiva com pedras de peso, o que indica, portanto, uma devastação incomparável à que flagelou o Egito (Êx 9:23).

Notável paralelismo une estas catástrofes com os três ais anunciados pela águia ou urubu na série de trombetas (8:13; 9:21; 11:15-19). O primeiro ai desencadeia fumaça do abismo, enquanto o segundo solta um exército demoníaco do além Eufrates. O terceiro ai foi acompanhado por um terremoto, trovoadas e saraiva.

A quinta taça produz angústia dentro do reino deste mundo por causa da escuridão, na ocasião em que o trono do Anticristo será julgado (16:10-11). A blasfêmia que anteriormente era a reação da besta, agora passa a ser a dos homens unidos para apoiá-la.

A sexta taça derramada sobre o Eufrates, prepara os caminhos dos reis do oriente (os bárbaros?) que se unirão com os governadores do mundo civilizado para lutar contra Cristo. Deve ser a mesma luta referida em 17:14 e 19:17-21. Estes três relatórios proféticos revelam o ódio inculcado por Satanás contra Jesus Cristo que ganhará a vitória final.

Em seguida o profeta vê sapos caindo das bocas da trindade infernal formada pelo dragão (Satanás), a besta (o Anticristo) e o falso profeta. Este último aparece pela primeira vez no Apocalipse com este nome; é, certamente, a besta que surgiu da terra (13:1). Ele dominará a propaganda e culto pagãos. Ilude a população pela substituição da verdade com a mentira destrutiva que apoiará a reivindicação do Anticristo ser príncipe legítimo deste mundo. Por isso opera milagres através do poder sobrenatural (v. 14), tal qual vemos em casos contemporâneos no espiritismo. Mas estes sapos-demônios não se limitam a persuadir os habitantes da terra a crer no Anticristo, mas também incitam a humanidade a lutar na batalha escatológica de Armagedom.

De maneira imprecisa entendemos que esta batalha ao pé do Monte Megido (ou seria o monte bem próximo chamado Carmelo lembrando como Elias travou luta com as forças satânicas de Baal e as venceu), no norte da Palestina, será decisiva. Não fala necessariamente duma localidade em Israel moderno, mas pode ser símbolo da Igreja, resistindo "no dia mau" (aqui é também o dia de Deus) à totalidade do poder de Satanás.¹

(1) Veja a discussão de Ladd G. *Apocalipse*, Introdução e Comentário (São Paulo, Edições Vida Nova), 1980, pg. 160.

Diante de tal dramático acontecimento, é necessário lembrar ao povo de Deus que Cristo voltará como um ladrão (v. 15). Os cristãos não devem se comprometer com o inimigo mesmo quando o bom testemunho venha custar a própria vida (12:11). O perigo que ameaça aos cristãos não é de ficarem mal preparados para a invasão dos reis e tropas pagãs, mas o despreparo espiritual para a vinda do Senhor (comp. Mc 13:15ss).¹

Como o sétimo selo e a sétima trombeta marcaram o fim, o último cálice ou taça também sinaliza o término da História da época presente. Diante do espanto indescritível, a visão do profeta João descreve a Teofania da tempestade cósmica mencionada em 4:5; 8:5 e 11:19. Incomparável a qualquer terremoto natural, esta última sacudida da terra faz jus à ironia da criatura tentar conquistar seu próprio Criador (comp. a ironia do diabo pedir que o Filho de Deus o adore, Mt 4:9; Lc 4:6, 7).

O Fim da Babilônia – 17:1-18:24

A Meretriz Apresentada – 17:1-6

As taças derramadas sobre a terra preparam o leitor do Apocalipse para ver as causas e meios que provocam a queda da Babilônia, já anunciada em 14:8. A grande meretriz é a figura escolhida para representar a monstruosa iniquidade da civilização que se rebela contra Deus. "Babilônia" já significava o império de Nabucodonosor, sendo sua capital, a cidade de Babilônia construída sobre muitas "águas"; na época de João torna-se símbolo da rebelião da humanidade que concretamente se manifestava em Roma; futuramente se concentrará no reino do Anticristo.²

A fornicação da meretriz aproveita o símbolo comum para designar o culto falso e idólatra no Antigo Testamento (Is 1:21; 2:5; 3:3; 4:15). Em três das cidades (Éfeso, Esmirna e Pérgamo), endereçadas pela mensagem do Apocalipse (2:1-17) havia templos para o culto da deusa de Roma. O culto à imagem do imperador exigido por Domiciano (81-96 a.D.), expressou de maneira universal, no império da época de João, o adultério espiritual. Nessa adoração se vê a sedução de Roma, que oferecia vantagens mundanas aos que se submetiam à ordem do imperador. Os que negaram adorar desta forma blásfema, sofreram as penalidades de trabalho forçado, prisão e até

(1) R. H. Charles (comentário do International Critical) crê que todos os cristãos já foram martirizados. Mas é evidente aqui, como também em 2:7, 10; 3:4, 10, 29; 11:4ss; 21:27 que apenas alguns morrerão, não todos. Cf. G. B. Caird, *op. cit.*, p. 209.

(2) Stauffer, E., *Christ and The Caesars*, Tr. K. e R. G. Smith (Philadelphia, Westminster, 1955) p. 154, informa que houve uma moeda da época de Domiciano que mostrava uma deusa assentada num trono de sete colinas (cf. v. 9).

a morte. Novamente na véspera da vinda do Senhor, a crise apresentada por Babilônia se apresentará aos adoradores do verdadeiro Deus. Dum lado a meretriz tem vestidos e jóias (v. 4) que atrairiam a qualquer homem, enquanto do outro lado, ela leva na mão um cálice de ouro, cheio de abominação (*bdelygma*, a mesma palavra em Mc 13:14 e Mt 24:15, Dn 9:27, 11:31, 12:11) e impureza. Assim João aponta para a imoralidade na antiguidade de mãos dadas com a idolatria. Roma forçava todos a serem participantes nesta poluição espiritual e moral. Enquanto os que negaram, sofreram o martírio, de modo que o profeta descreve a meretriz como “embriagada com o sangue dos santos” (v. 6).

A Explicação da Meretriz e a Besta – 17:7-18

A besta faz tudo o que pode para imitar e substituir o Rei legítimo, Cristo. No cap. 13 a besta, como Cristo, tem feridas de assassinio (cf. 5:6; 13:3). Ela era como morta mas vive (1:8, 13:14). Prossegue aqui esta travestida satânica na frase, “era, não é, ainda será” (v. 8), uma paródia do título divino, “aquele que é, que era e que virá” (1:4).¹ Esta maneira de descrever a besta combina bem com a afirmação encontrada em (13:3).² Teve uma ferida mortal que foi curada, quer dizer que foi morta e reviveu. A sua ressurreição será o oposto da do Senhor, porque não será literal, mas apenas uma manifestação satânica, ascendendo do abismo, a prisão dos demônios.

A besta portadora de sete cabeças e dez chifres (vv. 3, 7) demonstra características realmente apocalípticas (já vimos o dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, 12:3; a besta que emergiu do mar também teve dez chifres e sete cabeças e sete cabeças com dez diademas sobre os chifres, 13:1); deduzimos que o dragão se reencarna na besta. A besta (monstro, o Anticristo) se manifesta nas cabeças e nos chifres. Num sentido, a besta se manifesta repetidas vezes através da história³, mas sua última manifestação na pessoa do Anticristo, “o oitavo rei” (v. 11) não será distinta das anteriores senão na sua intensidade. Como Jesus prediz, seu domínio será curto (para que todos os eleitos não sucumbam, Mc 13:20-22); apenas durará pouco tempo (Ap 17:10; “uma hora” é a duração do poder dos dez reis aliados [chifres] no v. 12).

O significado do simbolismo tem uma interpretação parcial no v. 10. As cabeças são sete reis, ou imperadores, ou impérios⁴, que é mais fácil de enquadrar dentro da história. A meretriz seria uma figura para designar a opo-

(1) G. B. Caird, *op. cit.*, p. 215.

(2) G. E. Ladd, *Apocalypse, op. cit.*, p. 167.

(3) H. B. Boer, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans), 1979, p. 122.

(4) Veja a discussão de Ladd. *Apocalypse, op. cit.*, p. 169. Devemos reconhecer a falta de precisão em algumas figuras empregadas em João: no v. 9 as sete cabeças são identificadas com sete montes e também sete reis.

sição diabólica de governos e povos lutando contra Deus e seus filhos. Por isso a meretriz tem um nome de mistério (v. 5), que não se refere unicamente a Roma mas a sucessivas civilizações ou sistemas político-ideológicos que se opõem contra Deus. Hoje assinalaríamos a ideologia comunista com uma expressão política da meretriz. Mas ela pode ser reconhecida também no materialismo, a “deusa” das posses (veja cap. 18), sustentando um capitalismo egoísta, ou também no cientismo que tenta explicar toda existência por forças naturais. Assim, por exemplo, faz a teoria da evolução, que apóia o determinismo amoral e o humanismo ditatorial.

Não é essencial criar uma lista de reinos históricos sobre os quais a meretriz tem se montado. João não sabe quando o fim virá. Haverá, como já vimos, um oitavo poder que já se manifestou entre os seis reis-montes, mas não aparecera em forma final quando João escreveu o Apocalipse. No seu último aparecimento, esta encarnação diabólica será o Anticristo. Assim a besta no sentido lato, é o poder que luta contra Deus através da história no mundo. No sentido particular se refere a um reino que já existia mas no fim reaparecerá com poder sobrenatural.¹

Os dez chifres (reis) aparecerão no futuro (cf. Dn 7:7, 24). Reinarão durante uma temporada bem curta. Receberão o poder para reinar e sustentarão o trono da besta bem como seus aliados (v. 13). Lutarão contra Jesus Cristo (talvez em união com seu corpo formado pelos salvos). Este conflito será descrito com maiores detalhes no cap. 19, vs. 17-21. Inconcebível seria imaginar que o “Senhor dos Senhores e Rei dos Reis” (v. 16) deixaria de conquistar os que desafiam sua autoridade no universo.

Agora surge uma surpresa no texto. A besta se torna inimigo da meretriz que representa sua capital (17:16). Junto com os dez aliados a loucura domina a cena escatológica. Um ódio patológico toma conta do Anticristo e seus aliados, resultando numa guerra civil. A cidade será completamente destruída e devorarão sua carne e queimarão seus edifícios (cf. Sl 27:2, Sof 3:3). Não encontramos paralelo histórico nos tempos de João e nem descreve a destruição de Roma pelos bárbaros. Trata-se dum futuro ainda vedado aos nossos olhos, no qual os eventos terão proporções globais.

Canto Fúnebre Sobre a Queda da Babilônia – 18:1-24

O triunfo de Deus sobre a cidade iníqua vem sendo anunciado por outro anjo imbuído com muita autoridade e glória (v. 1). A queda da cidade que seduziu a humanidade pela luxúria passa a ser um lugar detestável, habitado por espíritos maus e aves que se alimentam de carne putrificada.

Os comerciantes que aproveitaram a paz universal criada pela Babilônia no auge de seu poder, amontoam fortunas pela troca e venda das merca-

(1) *Ibid.*, pp. 167-170.

dorias valiosas da época (cf. vv. 11-16). Os reis (cf. 17:22) dominadores do mundo político são igualmente abalados pela queda espantosa da sustentadora de sua vida luxuosa (v. 9). A reação de profunda e inconsolável tristeza caracteriza os reis e igualmente os mercadores (v. 15). Não cogita indivíduo algum que não sofrerá a perda total dos valores que tiveram prioridade no mundo, tais quais hoje constituem a "vida boa". Porém há uma sociedade que ouve a voz de Cristo que fala de Deus na terceira pessoa e chama a igreja de "meu povo" (vv. 4,5), instruindo-a a se retirar da civilização corrupta para não participar dos seus pecados nem sofrer seus castigos (cp. a retirada de Ló e sua família de Sodoma). A ira que Deus agüentou durante décadas e séculos com infinita paciência, transborda nesta cena (16:19; cf. Rm 2:5). Com a longanimidade Deus segurou sua mão punidora durante a preparação da arca de Noé, mas depois, num dia inesperado, lançou destruição aquática sobre toda a terra. Assim também, sem anúncio prévio, virá o fim da Babilônia (cf. Mt 24:36-44, II Pe 3:5-7). A súbita destruição "em um só dia" (v. 8) sugere que este quadro que descreve a aniquilação da capital da besta coincide com a vinda do Senhor, descrita no capítulo seguinte.

Esta passagem ilumina a estreita aliança iníqua entre o sistema econômico e a perseguição dos que não amam o mundo, porque amam a Deus muito mais (I Jo 2:15-17). Já vimos que a pressão do reino anti-cristão será, além de religiosa, econômica, chegando a proibir os seguidores leais ao Cordeiro de comprar ou vender (13:17). Satanás já verificou a potencialidade desta arma através dos séculos da história da Igreja (veja a advertência que Paulo enfatiza em I Tm 6:9, 10, 17). Não são os ideais de segurança e prazer os maiores alvos hodiernos? A mensagem do Apocalipse nos adverte de que os "inseguros da terra" são de fato os verdadeiros possuidores dessas riquezas, enquanto os perdidos não gozam de segurança alguma. Seus prazeres virarão em angústias. Um dia as profecias pronunciadas pelos santos, apóstolos (e.g. Paulo, Pedro, João nas suas respectivas cartas) e os profetas (do A.T., e.g. Daniel, Zacarias) e do Novo Testamento (como Marcos, Lucas, Tiago, Judas) serão vindicadas. Por isso são convidados todos, a exultar pela fé sobre a vingança divina que será realizada sobre o fim da fonte de iniquidade e perseguição (v. 20).

Tão completa será a destruição da Babilônia, que o profeta descreve seu desaparecimento como uma pedra de moinho engolida pelo mar (v. 21). Nenhum vestígio de sua glória ou existência sobreviverá. Nenhuma atividade característica dum povo civilizado retornará a agraciar as casas e ruas da devastada cidade (vv. 22, 23). O sangue dos mártires clamou da terra como o de Caim, e Deus não ficou surdo (v. 24).

Louvor a Deus Pelo Seu Julgamento e Vitória – 19:1-10.

Haverá contraste marcante entre a tristeza dos participantes nos benefícios e pecados da meretriz, e a santa alegria da comunidade de Deus. Seguindo a visão da destruição da Babilônia, João ouviu o "Aleluia" de uma numerosa multidão celebrando a remoção de tão revoltante figura que foi a meretriz. A multidão deve ser a mesma que foi apresentada em 7:9, composta de representantes de todas as nações e povos. Seria a Igreja vista universalmente vitoriosa. Ela louva a Deus que a salvou, libertando-a do horrendo poder do príncipe deste mundo. Também Deus mostra a sua glória e poder vingando o "sangue dos seus servos" (19:1, 2).

Os vinte e quatro anciãos, junto com os quatro seres vivos, prostram-se em sinal de adoração, fazendo eco com o "Aleluia" dos santos (vv. 1 e 6 cf. v. 4). Deus, sentado no trono, continua sendo o mantenedor de tudo que existe (cf. 4:1-5:14) que atualiza a declaração paulina: "dele e por meio dele e para ele são todas as cousas" (Rm 11:36).

Foi celebrada a conquista divina do poder satânico após o toque da sétima trombeta (11:14), declarando que o reino deste mundo passou a pertencer a Cristo. Aqui novamente declara-se o reino atuante do Senhor, nosso Deus, o Todo-poderoso (v. 6). A segunda vinda está em vista em ambas as passagens.

Na mesma hora, o júbilo dos santos transborda na antecipação da chegada das "bodas do Cordeiro" (v. 7). Esta figura palpitante serve para comunicar a alegria da reunião dos sofridos cristãos com seu Salvador amado. Bem aventurados aqueles que recebem o convite para o casamento (v. 9) porque formam a "noiva" ou "esposa" de Cristo (v. 7, cf. Ef 5:23-33). A graça transformadora mudará suas vidas na terra inculcando neles a lealdade até sofrer o martírio (12:11). Desta maneira e por mil outras belas expressões de amor sacrificial os santos se vestem (v. 8). Porém infinitamente mais perfeitas são as vestiduras alvejadas "no sangue de Cristo" (7:14). Entre os dois trajes não há contradição; apenas comunicam a verdade profunda de que todo crente fica convicto: cada obra, que merece uma avaliação de "boa", é operada através da habilitação outorgada por Deus (cf. Fp 2:13). Igualmente toda purificação justificadora dum coração é também obra única de Deus por meio do Espírito (Ef 2:5, 8).

O Fim Segundo o Apocalipse – 19:11-22:21

Mesmo havendo uma concordância entre os intérpretes de quase todas as escolas quanto às "bodas do Cordeiro" serem uma figura de alegria da união da Igreja (a Noiva) com seu Noivo (o Senhor) que ocorrerá na ocasião da *parousia*, no Apocalipse o encontro que juntará Igreja com o Se-

nhor ocorre no cap. 20, após a primeira ressurreição. Capítulo 19 nos fornece a profecia em que esse dia feliz está prestes a eclodir. Os prétribulacionistas crêem que será no arrebatamento, sete anos antes da revelação de Cristo em glória. Podemos perceber pelo caráter profético de Ap 19:6, "Aleluia! pois reina o nosso Senhor Deus". A forma do verbo "reina" no grego é aoristo (ingressivo, literalmente, "O Senhor começou a reinar") mas realmente é uma profecia proléptica, já que o reinado terrestre de Cristo só começa com a vinda dEle (chamado "Logos") em vitória, montado em cavalo branco. Sua descida do céu para a terra manifesta seu propósito de conquistar os inimigos na Batalha de Armagedom (16:16; 19:17) e efetuar a destruição da Besta junto com o Falso Profeta. Na mesma ocasião Satanás será acorrentado no abismo que marca o início do reino (19:19-21; 20:1-3).¹ A prova de que é uma visão profética, falando do futuro, se vê no fato de que os mortos, ainda não ressuscitaram (comp. I Ts 4:16 onde Paulo declara expressamente que os mortos ressuscitarão antes do arrebatamento ou a chegada de Cristo na terra).

Outros anúncios proféticos do reino já apareceram no Apocalipse. Consideraremos os seguintes exemplos. "O reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do seu Cristo" (11:15). Este anúncio antecipa o derramamento das sete taças e o aparecimento do Anticristo, mas mesmo assim, é feito no tempo aoristo como se fosse um fato cumprido. O capítulo 4 também apresenta anúncios prolépticos. Os 144.000 estão em pé no monte Sião após a prova de fogo que passarão. Babilônia passa pela vista como já caída (14:8), como também a ceifa dos justos e vinda dos injustos foram anunciadas (14:14-20), porém na realidade esses acontecimentos só se concretizarão quando Cristo realmente vier.²

Cristo descerá dos céus, vs. 19:11-20:2, para conquistar e julgar os líderes da rebelião milenar (19:11-20:2) e travar a vitoriosa luta contra todas as forças do mal (cf. v. 18, 19). De sua boca sai a espada que ferirá as nações (Sl 2:9, isto é, a palavra todo-poderosa do Senhor) e o cetro de ferro com que ele reinará sobre o mundo no milênio (20:4). Por isso, seu nome verbo (*Logos*), designa sua pessoa revelada (Jo 1:1-14, 18; I Jo 1:1-4) e sua obra vencedora e criadora (Ap 19:13). Sua presença se manifestará corporal e individualmente (v. 15 "pessoalmente"), pois sua morte na cruz também foi na solidão (simbolizada pela frase "vestido com manto tinto de sangue"; 13). Sua glória nesta conquista não tem co-participantes entre anjos nem homens, ainda que formam cortejo impressionantíssimo (v. 14). Seus nomes "Fiel e Verdadeiro", anteriormente aplicados a Jesus Cristo (1:5; 3:7 e 14), focalizam o seu caráter contrastado com o Anticristo, inconstante e falso enganador, que inculcou esperanças malditas nos corações dos mundanos.

O nome secreto de Cristo, que ninguém conhece senão ele mesmo (v. 12), refere-se ao mistério do Messias que possui poder miraculoso para aniquilar seus inimigos (cf. 2:17; 3:12).¹ Não se trata de nomes que descrevem seus atributos e seu caráter. Seus nomes revelados correspondem à remoção do véu para os que nele confiam, possam conhecê-lo (cf. Ef 2:9).² Como fiel, verdadeiro, verbo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (vv. 11, 13, 16). O convite lançado às suas aves carnívoras para a grande ceia de Deus (v. 17), torna bem claro que a vitória que Cristo ganhará refere à batalha de Armagedom (16:16 e à vinda lançada no "lagar da cólera de Deus" (14:19s), e à peleja da besta e seus aliados contra o Cordeiro (17:13, 14). Não existe dúvida alguma sobre o resultado. Os cristãos devem celebrar a vitória até antes desta última batalha de nossa era (cf. 19:1-10). Antes do fim, Armagedom ocorrerá, mas João não nos informa de que tipo ou de que duração será a batalha.

Podemos concluir à luz da comparação desses horrendos dias futuros com os tempos de Noé, que os mundanos não estarão prevendo a vinda repentina do Senhor. Antes do dilúvio os homens, "comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento até ao dia em que Noé entrou na arca e não perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos" (Mt 24:38s). Talvez devemos entender por meio destas palavras, que a terrível batalha é mais uma figura para descrever a luta culminante entre o dragão e o Senhor que os selos, trombetas e flagelos narram por um lado, e as perseguições dos santos da parte da besta do outro lado. Os julgamentos derramados sobre a besta e seu império e a destruição de Babilônia, resultarão na prisão da besta e o falso profeta. Os que pelejaram no exército da besta e dos dez reis foram mortos com a espada da boca (isto é, a palavra de Cristo, II Ts 2:8). Satanás será imediatamente acorrentado no abismo que em seguida será fechado e selado (20:1-3). Assim todo engano e oposição contra o reino de Cristo será eliminado. A vitória definitiva pertencerá a nosso Deus e a seu Filho, nosso Senhor.

O Milênio – 20:1-10

Chegamos ao parágrafo mais debatido do Apocalipse. Já vimos que os amilenistas interpretam este reino de mil anos como símbolo do intervalo entre a ascensão e a segunda vinda de Cristo. Os pós-milenistas entendem que o milênio se trata dum período de paz e segurança, resultante do avanço vitorioso do evangelho pelo mundo todo. A posição que apresentaremos é pré-milenista.

(1) I. T. Beckwith, *The Apocalypse of John* (New York: Macmillan), 1922, pp. 732s.

(2) H. Boer, *op. cit.*, p. 110.

(1) G. Ladd, *The Blessed Hope, op. cit.*, p. 100.

(2) G. Ladd, *Ibid.*, p. 101.

Em primeiro lugar, verificaremos que a vitória de Cristo é total sobre as forças inimigas. O Anticristo (besta) e o falso profeta foram lançados no inferno, antes do começo do milênio. O diabo ficou preso no abismo (cf. 9:1; 20:1-3; e Jd 6, II Pe 2:4), completamente impedido de influenciar ou controlar os acontecimentos no mundo. Muito difícil é explicar o "milênio" como a era presente em que Satanás tem poder e influência quase incalculáveis (cf. Ef 2:1-3; I Jo 5:19).

Em segundo lugar, notamos que os tronos são ocupados pelos crentes fiéis que têm o direito de julgar (20:4). Os decapitados retornam a viver ("viveram", no gr. aoristo, *ēzēsan*) e reinam com Cristo por mil anos (v. 4). "Os outros mortos" refere-se aos incrédulos que não reviveram (*ēzēsan*) até os mil anos se completarem. Os que ressuscitaram na primeira ressurreição (v. 5) são os bem-aventurados, santos galardoados com o privilégio de reinar com Cristo durante o milênio (v. 6). O texto não dá margem para distinguir duas classes de cristãos. Os mártires que clamam pela justiça divina (6:9) estarão juntos com os que subseqüentemente dariam suas vidas através dos séculos. Podemos crer que a segunda classe seria os que "não adoram a besta" em qualquer de suas manifestações, mas não foram necessariamente martirizados. João, o autor do Apocalipse não ofereceu culto algum à besta (isto é, à imagem do imperador) mas morreu naturalmente, segundo a tradição. Em todo o caso, mártires e os que morreram de forma menos violenta têm mostrado sua fidelidade ao Senhor pelo seu testemunho (cf. Mt 10:32). Não sabemos sobre quem eles reinarão, ainda que já vimos que Jesus predisse que os apóstolos julgarão as tribos de Israel (Mt 19:28; Lc 22:30). Possivelmente passarão para o milênio algumas pessoas, que mesmo não sendo salvas, foram simpatizantes do evangelho. Talvez deram apoio aos cristãos perseguidos sem se converter. Tais homens poderiam formar os súditos dos cristãos que compartilham o reino com Cristo.

Também o texto diz que as nações (povos) deixaram de ser enganados por Satanás (v. 3). Parece que durante o milênio elas ainda existem, tendo passado pela batalha de Armagedom. Não seriam sobre estes povos que os santos reinarão?

A ressurreição outorgará aos crentes corpos espirituais (I Co 15:38-49), mas os não-cristãos viverão em seus corpos naturais. Entre os transformados cristãos (ressurretos e vivos, portadores de corpos incorruptíveis) e os habitantes do mundo, haverá comunicação tal qual houve entre Jesus e seus discípulos após sua ressurreição (cf. Mt 28, Mc 16, Lc 24, Jo 20 e 21, At 1:1-11). Porém a Bíblia não dá motivos para esperar que os incrédulos que quiserem poderão receber a salvação ou vida eterna durante o milênio. Não há qualquer trecho Bíblico que claramente estende o dia da graça além da Vinda gloriosa de nosso Senhor (cf. II Co 6:1, 2). Pensamos que obedecerão forçosamente a Cristo e aos que reinam com ele, unicamente porque não têm outra opção (veja I Co 6:3 onde cristãos também julgarão os anjos que pecaram, provavelmente no milênio).

Porque o milênio? Não seria o suficiente conquistar as forças rebeldes humanas e demoníacas e passar imediatamente para o abençoado estado eterno? Muitos acham que sim. Grande número de estudiosos não encontram na Bíblia nenhuma possibilidade dum milênio depois de meditar em passagens como I Co 15:24-28 e II Pe 3:10-13. Outros encontram obstáculos intransponíveis na permanência de pecadores durante o reino milenar de Cristo (cf. II Ts 1:8-10; Mt 25:31-46).¹ Nós não temos suficiente informação na Bíblia para responder a todas as perguntas levantadas. O que fica bem assentado é a esperança que João coloca no fim de seu livro. Haverá um período (se "mil anos" é literal ou não, não nos preocupa) de paz e segurança total. Pode corresponder exatamente àquele período previsto por vários profetas (cf. Is 2:4; 4:2-6; 11:1-10; 65:20; Jl 2:21-27, Zc 14:9, 16:21; Mq 4:1-4; 5:7-8; Jl 3:8-20, entre muitas outras passagens). Uma das mais palpitantes de todas as predições milenares indica que "a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Is 11:9). Não parece possível localizar o cumprimento desta profecia senão no milênio.

Satanás e o Anticristo tentaram por todos os meios conseguir dominar o mundo. Seu principado desastroso desde Adão até a gloriosa vinda de Cristo fica marcado por todos os horrores de injustiça, maldade, opressão, crueldade, guerra, engano e decepção. Porque não seria possível para Deus planejar a substituição do diabo pelo domínio global de Seu Filho soberano? Não será este um contraste maravilhoso, o Príncipe da Paz governando, decretando as leis, executando imediato juízo perfeito contra toda e qualquer iniquidade (cf. Is 11:4, 5)? Para reino ser reino deve haver livre arbítrio, devem existir entes que podem desobedecer. Nada de obediência automática de robô. O milênio deve também dar oportunidade para a manifestação e serviço sacerdotal (Ap 20:6) da parte dos que sofreram com Cristo nas suas vidas terrestres (v. 4, II Tm 2:12), será uma honra das maiores (Mt 25:21, 23; Ap 2:26), um galardão para os que sacrificaram a vida e os valores terrestres pelos celestes. Por isso Deus chama de "Bem-aventurados os que têm parte na primeira ressurreição" (cf. como Paulo almejava tal privilégio vemos que Fp 3:10, 11, 13, 14). Sobre eles a segunda morte, isto é, a sentença divina que lançará todos os ímpios no lago de fogo, não tem qualquer poder.

Terminado os mil anos Satanás será solto do abismo. A mesma soberania divina que lançou o diabo para fora do céu com cólera horrível contra os santos, e permitiu que a besta perseguisse os fiéis (13:7), está em evidência nesta última parada do arcanjo que ambicionava ocupar o trono de Deus desde os primórdios. Satanás será solto por curto tempo (v. 3). Pode-se imaginar que Deus permite esta última invasão de Satanás para vindicar sua justiça em

(1) Arthur H. Lewis, *The Dark Side of the Millennium* (Gr. Rapids, Baker) 1980, pp. 21-25.

julgar os ímpios, pois não é por causa do ambiente ou circunstâncias difíceis que o homem não ama e obedece a Deus. O fato de que após o reinado perfeito de Cristo as nações ainda serão susceptíveis ao convite de se rebelarem contra Deus mostra a profundidade da pecaminosidade do homem ("Bíblia Vida Nova, nota, Ap 20:8). Juntando as nações Gogue e Magogue pela astúcia e engano, as convencerá que os filhos de Deus são tão vulneráveis a seu poder como foram Adão e Eva. O número das forças mobilizadas é como a areia do mar. Onde vêm tão vasto número? João não nos informa — seriam os ímpios mortos através dos séculos, livres para juntarem-se para tal ataque antes da ressurreição que precede seu julgamento final? Serão os indivíduos que passarão para o milênio, que foram súditos rebeldes, dominados apenas pela força do poder de Cristo? Nada podemos opinar. O que o texto não deixa em dúvida é o fracasso total desta operação culminante do dragão infernal, o diabo. Fogo dos céus a todos destrói. Satanás ganha seu berço definitivo no lago de fogo (inferno), onde desde o início do milênio se encontram a besta e o falso profeta (19:20). Não significa o aniquilamento destes inimigos de Deus que criaram tanta miséria no mundo, mas o começo do tormento interminável. A revelação de Deus nos informa que o inferno foi feito para Satanás e seus anjos. A única explicação pelo fato que os homens se encontrarão em tal horrível lugar é porque na sua rebelião pecaminosa contra seu criador se juntaram ao diabo. Deus os julga merecedores de castigo igual.

O Julgamento do Trono Branco -- 20:11-15

O que o mundo incrédulo achou impossível agora domina a cena do Apocalipse. Julgamentos sem número têm caído sobre as cabeças dos homens individual e coletivamente desde o início da história humana, mas não cogitaram que haverá outro tribunal em que todos pagarão com absoluta justiça as más obras que realizaram na vida terrestre (vv. 12, 13, nota-se a frase repetida "segundo as suas obras"), todas elas alistadas nos livros que serão abertos por Cristo, o Juiz.

Para que este julgamento irreversível englobe a todos, Deus levanta os mortos que não ressuscitaram na bem-aventurada primeira ressurreição (vv. 4, 6). Portanto os que não foram salvos antes de morrer receberão consciente e individualmente a sua justa recompensa. Evidentemente esta ressurreição se limita aos ímpios, anteriormente indicados para serem lançados no lago de fogo, chamado a segunda morte. Os salvos tendo parte na primeira ressurreição escaparão deste terrível e último julgamento. Seus nomes estão cabalmente escritos no livro da vida (vv. 12, 15), assegurando-lhes que não têm motivos para temer jamais serem enviados ao vulcão que arde incessantemente. A morte e Hades (o Sheol ou sepulcro visto como destino dos homens que pecaram) representados como pessoas demoníacas são consignados ao lado de fo-

go. O desaparecimento de Hades significa que nunca mais temerão a morte os que maravilhosamente foram justificados e salvos pela graça de Deus.

Novo Céu e Nova Terra -- 21:1-22:5

Quando Jesus se assentou para julgar os pecadores, João disse que da sua presença "fugiram a terra, e o céu e não se achou lugar para eles" (20:11). Talvez desta afirmação devemos concluir que a força divina que ressuscitará os corpos dos mortos também reconstituirá a criação material toda. Pedro nos adverte que os "céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados, também a terra e a obra que nela existem serão atingidas" (II Pe 3:10). Porém só João pinta para os seus leitores bem-aventurados os detalhes do paraíso reconstituído, o lar eterno dos redimidos. Da agitação de julgamentos investidos contra a família de Deus passamos para o quadro plácido como face de lago quando nenhuma brisa sopra.

Primeiro notemos que o local da habitação final não será no céu mas sobre a terra nova, onde não existe mais mar (21:1). A cidade santa, a nova Jerusalém nos fornece uma figura para a comunidade dos cristãos ou a Igreja universal. O galardão maior que o Povo de Deus tem para aguardar se anuncia na frase: "Deus habitará com eles, eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles" (v. 3). Alí estarão os santos do Antigo Testamento juntos com os da época toda entre a ressurreição de Cristo e a sua vinda (cf. Hb 11:10, 16, onde vemos Abraão imbuído com a esperança de habitar na Nova Jerusalém).

Quem faz parte desta abençoada comunidade nunca mais sofrerá tristeza nem dores. A angústia que Paulo via como característica da nossa época amaldiçoada (Rm 8:18-23) passou. No seu lugar ficarão "todas as cousas novas" (v. 5) refeitas pelo poder criativo de Deus. Quem tem o nome de Alfa (início, apontando portanto para o começo da criação original, Gn 1:1) também é chamado Omega, isto é, quem dá término perfeito a tudo que faz. Como sustentou a primeira criação com a palavra do seu poder (cf. Cl 1:17) continua mantendo a vida (gr. *zoē*) de todo sedento com a "água da vida" (v. 6). Esta frase sugere que toda a aspiração digna que os homens jamais tiveram, tem e terá sua satisfação unicamente n'Ele.¹ Quem tem tal sede é igualmente vencedor (cf. 2:7; 11, 17, 26; 3:5; 12, 21), herdeiro dos benefícios todos que Deus quer dar a seus filhos (7).

O quadro contrário vem agora a tona (v. 8) para destacar o contraste entre os filhos herdeiros de Deus e os que herdarão o inferno. Os condenados são chamados de covardes, porque não tiveram a coragem para confessar o nome de Cristo, incrédulos porque nunca ficaram convictos das pro-

(1) R. F. Robbins, *The Revelation of Jesus Christ*, (Nashville, Broadman) 1975, p. 234.

messas de Deus, assassinos porque odiaram os "irmãos" como Caim (I Jo 3:12, 15), impuros por que praticaram pecado sexual e adultério espiritual (Ap. 17:2, 4; 18:3, etc), feiticeiros por que procuraram poder demoníaco por meios do espiritismo, idólatras porque se curvaram diante de outros deuses, mentirosos porque falsamente pretenderam ser cristãos. Negaram a Cristo para escapar às perseguições. Enfim todos estes são consignados ao lago de fogo para não ameaçar jamais a perfeita união entre os habitantes da cidade de Deus com seu Senhor.

Tanto a "noiva" (v. 9) como a "cidade santa" (v. 2) são figuras para representar a Igreja. Fica patente quando nesta última visão, das quatro deste livro,¹ João recebe um convite para ver a noiva, esposa do Cordeiro (v. 9) mas o que ele vê na sua visão é a "santa cidade, Jerusalém que descia do céu" (v. 10). Esta cidade existe, mas imperceptível até alcançarmos o estado de perfeição (cf. Ef 5:27). O mesmo anjo que conduz o profeta para ver, a glória da cidade de Deus, do elevado monte, foi quem trouxe uma das taças da ira de Deus, e mostrou a grande meretriz assentada sobre as águas com um título na frente, "Babilônia" (17:1-5). Essa cidade maldita caiu; esta nova Jerusalém ficou estabelecida pela graça de Deus e nunca cairá. Aquela ficou embriagada com sangue, esta é atravessada pelo rio de água da vida (22:1-2),² dando vida a todos os componentes. Aquela era a capital da besta; esta do Deus eterno e do Cordeiro, Rei manso que fundou a cidade pela sua Encarnação, Crucificação e Ressurreição.

A principal atração da cidade que desce do céu é a glória de Deus que ela irradia (v. 11). Seu fulgor parece igual a jaspe que representa a glória de Deus (4:3) como diamante.³ O tamanho da cidade 2400 Km (12.000 estádios, v. 16) nas três dimensões nos deixa atônitos. Certamente simboliza a verdade destacada por Jesus na parábola das bodas (Mt 22:1-14). O banquete das bodas do filho do rei não é celebração inexpressiva, mas grandiosa. Os servos não devem descansar até ela ficar repleta de convidados (Mt 22:10).

Nesta visão da Igreja glorificada o que mais chama a atenção do profeta João, são os fundamentos e as portas,⁴ ambas feitas de pedras preciosas e

(1) Cada visão do Apocalipse é introduzida pela frase "em espírito" (1:10; 4:2; 17:3; 21:10).

(2) Confirma nossa interpretação da cidade Babilônia não ser uma cidade literal como Roma ou Moscou, mas a humanidade unida ao diabo, contrastada com o Povo de Deus, a Igreja redimida. Igual contraste existe entre a meretriz e a "Noiva". Todo homem tem que escolher, ou a Babilônia (a meretriz) com seu chefe, a besta; ou a Jerusalém (a Noiva) dirigida pelo Cordeiro (o Senhor) Cf. R. F. Robbins, *op. cit.*, p. 236s.

(3) Assim deparamos com a resposta definitiva à oração de Jesus quando pediu que seus discípulos, como também a Igreja, chegassem a ver a glória que o Pai deu a Ele (Jo 17:24).

(4) Não devemos esquecer que toda cidade importante do primeiro século tinha muralhas e portas.

pérolas. Significam estas beleza e valor incalculáveis. Se um comerciante venderia tudo para obter uma "pérola de grande valor" segundo a parábola de Jesus (Mt 13:45, 46), que diríamos de doze pérolas do tamanho de uma porta de cidade (21:21)? Os fundamentos dos adornos de pedras preciosas das muralhas também revelam a segurança e beleza vistas de fora (cf. Ef 3:10) e de dentro. Os nomes dos doze apóstolos (v. 14) identificam a Igreja fundada sobre os primeiros discípulos que transmitiram o conhecimento de Jesus Cristo, seu ensino e obra representando o Senhor como seus apóstolos enviados (em aramaico, *Shaliahim*, "iguais a quem os enviou") (Ef 2:20). As medidas iguais na altura, comprimento e largura, seguramente refletem a perfeição e especialmente a idéia dum cubo (v. 16), como também foi o Santo dos Santos no tabernáculo e templo de Salomão. Essa perfeição acha-se também nas cifras 144.000 que significa uma totalidade completa; ninguém do número completo de gentios e de Israel faltará (Rm 11:25, 26).

O "ouro puro semelhante a vidro límpido" sugere realeza e perfeição moral. Não poderá haver algo que manche os que foram alvejados no sangue do Cordeiro (Ap 7:14; cf. Is 1:18).¹ Nunca mais haverá contaminação do pensamento ou de ação pelos cidadãos da nova Jerusalém (v. 27). Também deve ficar bem assentado que ninguém passará do inferno para esta cidade. Apenas os escritos no "livro da vida, do Cordeiro" (v. 27) entrarão e ficarão ali. A tentação para o pecado será inconcebível no paraíso eterno que aguardam os remidos filhos de Adão.

A razão que a cidade santa não necessita nem de santuário e nem de altar se explica pelo fato de que Deus, Pai e Filho, (que providenciou sacrifício eterno), estão intimamente presentes. Esta realidade torna todo e qualquer lugar especial de culto supérfluo (Jo 4:21-24). Os luminários de nosso mundo igualmente não farão falta (cf. v. 11). A luminosidade de Deus dará luz a toda cidade, de modo que não existirá mais escuridão (cf. a glória Chekiná, isto é, da presença de Deus, na coluna de fogo que se movimentou na frente dos israelitas no deserto e no tabernáculo, Êx 40:34, 35; Ap 15:8; cf. a nota da Bíblia Vida Nova sobre Êx 40:34).

Surpreendente é encontrar, nesta altura, nações e reis "andando mediante a sua luz" e "trazendo a sua glória" a cidade de Deus. O famoso comentarista Dean Alford explicou este texto distinguindo as nações (*ethnē*) com seus reis da Igreja. Seriam "os que foram salvos por Cristo, mas não for-

(1) A importância que esta visão da Igreja triunfante tem para nós hoje foi muito bem apresentada por C. S. Lewis em sua mensagem famosa, "O Peso da Glória" em *Palestras Que Impressionam*, Edições Vida Nova, 1964, pp. 32, 33. "É assunto sério viver numa sociedade composta por deuses e deusas em potencial, ao lembrar que a pessoa menos dotada e de menos valor, pode ser um dia, uma criatura que, se pudesse vê-la agora, você ficaria tentado a adorar, ou talvez um horror e corrupção, tal qual você encontra, se encontrar, somente num pesadelo" (trad. própria do autor).

maram parte de sua Igreja visível".¹ É verdade que Isaías predisse que as nações seriam unidas e iluminadas debaixo da autoridade do Messias (60:3, 4; 66:12) e terão acesso a restaurada Jerusalém. Talvez não devemos passar além do ensino claro do Apocalipse que dá relevo a inclusão dos povos, línguas e nações na congregação internacional dos salvos (5:9; 7:9). Não achamos fácil pensar em nações organizadas debaixo da autoridade de reis que não pertencem ao Povo universal de Deus, após o julgamento final.² A glória que as nações oferecem à Cidade seria louvor e reconhecimento merecidos pelo Senhor.

Termina a visão da Noiva que parece Cidade com a descrição do rio que emana do trono de Deus e do Cordeiro (cf. Ez 47:1s).³ No Éden havia um rio (Gn 2:10) e árvores. Neste quadro profético concernente a herança eterna dos santos, apenas a árvore da vida permanecerá. A árvore que foi instrumento da tentação e maldição (cf. 22:3) não tem cabimento. Os frutos da árvore da vida são produzidos mensalmente (cf. Ez 47:12); suas folhas fornecem um antibiótico espiritual que repelirá qualquer sugestão de pecado nos povos (gr *ethnē*). Assim, a missão que Israel deixou de cumprir como mediador da Aliança oferecendo esperança às nações, será perfeitamente realizada na Igreja. As três necessidades para o sustento da vida: água, alimento e saúde, são fornecidas, símbolos do bem-estar que gozam os habitantes da Cidade.

Novamente somos lembrados que a vida no estado eterno não será caracterizada pela ociosidade mas serviço oferecido alegremente a Deus (v. 3; 7:15). Ações de graça e atos de culto (gr. *latreusousin*, "servirão" no sentido de oferecer culto e adorar, cf. Rm 12:1), incluirão a contemplação (cf. II Co 3:18) da sua face, isto é, comunhão íntima melhor do que Adão perdeu quando desobedeceu no jardim (Gn 3:8, 9). O nome de Deus que os salvos levam nas suas fronteiras, tal como o selo (7:3), significa a indissolúvel possessão dos remidos pelo Remidor (cf. I Pe 2:9). Inundados na luz da glória divina compartilharão eternamente com Deus o privilégio de reinar sobre os anjos e toda a nova criação (22:5). Deste modo, o encargo recebido por Adão de ter domínio e de exercer soberania sobre a terra se realizará no estado eterno.

(1) Henry Alford, *Greek Testament*, Vol. IV, Boston, 1878, p. 744.

(2) Th. Zahn achou que João não estaria descrevendo o reino eterno de Deus, mas um quadro novo e mais completo do milênio, por causa desta referência às nações.

(3) O rio da graça de Deus que produz vida sai do trono para enfatizar o fato que a nossa salvação tem origem na vontade soberana de Deus e os méritos únicos de Jesus Cristo. Cf. Wm Hendriksen, *More Than Conquerors*, (Londres, Tyndale), 1940, p. 205.

A Promessa de Cristo e a Resposta da Noiva - 22:6-17

Como epílogo ressonante dum culto solene, a Revelação de Jesus Cristo aproxima-se de seu término. A primeira visão veio no domingo (Ap 1:10), dia de culto, no qual os crentes reunidos por costume rogaram a presença do Senhor ressurreto para participar junto com eles da Ceia do Senhor. Mesmo que os leitores não entendam claramente as figuras do Apocalipse, ou a imaginação dum intérprete errar o significado por completo, ninguém deve perder de vista a exigência básica que deve governar a leitura do livro, a de obedecer (v. 7).¹

A escatologia não tem a missão principal de responder às perguntas suscitadas pela nossa curiosidade, mas sim de incentivar nossa responsabilidade para ouvir os imperativos e "guardar as palavras da profecia". Cristo vem sem demora (v. 7, 12). Não cabe a nós, homens, saber quando, mas apenas agir como bons servos que aguardam a chegada próxima do seu mestre. O Espírito que habita na Igreja (noiva) sempre motiva o povo verdadeiro de Deus a clamar "Vem" (v. 17, seria *Maranatha* no aramaico, que significa "Nosso Senhor, venha" I Co 16:22), o imperativo vindo do coração fiel que ama o seu Senhor. Porém, a ansiedade que a Noiva tem para que venha o Noivo não apaga o espírito de evangelização. Os incrédulos são convidados a receber a graça da salvação com igual fervor junto ao pedido para o amado vir (v. 17; cf. Is 55:1-3). Na ocasião da vinda do Noivo, Ele trará junto seu galardão, recompensa correspondente às obras de cada cristão (v. 12). Com relativa freqüência o Apocalipse nos tem lembrado que, a fidelidade será recompensada com galardões identificados particularmente nas sete cartas (2:7, 11, 17, 26, 28; 3:5, 12, 21; cf. Rm 14:10; II Co 5:10).

Antes de pronunciar a bênção final (v. 21), Jesus adverte a qualquer falso profeta ou intérprete sem escrúpulo, que acrescentar ou cortar uma parte do livro (para modificar sua mensagem) será atrair a maldição divina sobre sua cabeça. A mensagem inspirada pelo Espírito e pronunciada pelo próprio Senhor Jesus por intermédio do seu anjo (v. 16) não deve ser tratada como qualquer obra humana, mas como verdadeiro livro do cânon do Novo Testamento.

(1) H. Lilje, *The Last Book of the Bible*, (Philadelphia, Muhlenberg), 1957, p. 272.

CONCLUSÃO

Duas visões do futuro e nosso envolvimento nos confrontam: A primeira se destacou numa revista evangélica em 1958 que terminava uma série de estudos apresentados pelo presidente do seminário em que o autor estudou sobre profecia, com as seguintes palavras: "O estudo da profecia bíblica é difícil mas galardoador. Deus nos revelou muitas facetas do Seu plano. Como é hilariante acompanhar os eventos enquanto se desenvolvem e ver a operação da sua mão poderosa".¹

O livro muito popular de Hal Lindsey, *A Agonia no Planeta Terra* apresenta o mesmíssimo perigo, ao sugerir que os eventos do fim não têm realmente nada a ver conosco. Adotando esta maneira de encarar a escatologia, os evangélicos viram espectadores junto com os que acompanham os horóscopos que fatalmente condenam ou prometem alívio dos problemas insolúveis do nosso mundo. Como o tempo que os meteorologistas predizem, que experimentamos com desgosto ou prazer, mas não podemos modificar, nós evangélicos somos tentados a nos isolar enquanto nos alegamos no desenrolar dos eventos que achamos eclodirão no fim. Esse fim devastador mandará milhões a uma eternidade sem Cristo. Será que não há muito a fazer para aliviar o sofrimento do mundo antes como depois pelas "boas obras" e pregação das "boas novas"?

Por outro lado uma ênfase sobre a "escatologia realizada", o cumprimento presente que focaliza a visão dos crentes no mundo contemporâneo oferece perigo também. A igreja de Corinto parece ter sofrido um abalo dessa natureza, que tirou a esperança numa ressurreição literal no futuro (cf. a heresia promovida por Himeneu e Fileto, II Tm 2:17s). Crentes neste campo não contemplam a Vinda como realidade que Deus prometeu e realizará. Perdem o senso de "peregrinos" (cf. I Pe 1:1, 17) e menosprezam a "esperança bendita" (Tt 2:13) que animaria o cristão no contexto histórico da vida. Desta linha, escritores como o Pr. Temudo Lessa chamam nossa atenção ao campo social, onde as boas novas sobre o fim são substituídas pelas boas obras para melhorar o mundo em que vivemos. A Teologia da Libertação com

uma boa dose de marxismo vem a ser a nova visão dos que perderam a "bendita esperança" que Paulo encoraja Tito a esperar.

Entre os dois extremos o cristão deve viver confiadamente. Na segunda Vinda virá a consumação do propósito de Deus — "alegria indizível e cheia de glória" (I Pe 1:8) combina com a convicção de que seu "trabalho não é em vão" (I Co 15:58). Tal otimismo atuante e inspirador domina a visão neotestamentária sobre a consumação de todas as cousas. Somos exortados a não ficar amedrontados sobre o que acontecerá no futuro (II Ts 2:2) mas sim "acordados", prontos com face erguida como quem viaja para o destino previsto, seu lar eterno. As boas vindas do Pai que nos agrada, completarão a alegria numa vida vivida à luz da eternidade.

Não será uma vida isolada da luta do mundo, nem uma existência sacrificada aos ideais humanistas que se corrompem com sua realização parcial (como as de Marx e Engels), mas uma vida de serviço realizado debaixo da direção do Espírito. Assim foi a colocação de Paulo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda" (II Tm 4:7, 8).

Outras surpresas vêm à tona num estudo panorâmico de escatologia no Novo Testamento. Em vez de deparar com uma detalhada ordem de acontecimentos futuros, temos que dizer com humildade, "Não sei" quando nem tudo acontecerá exatamente como o que os escritores do Novo Testamento predisseram.

Mas, certos traços parecem oferecer um "caminho largo" que podemos caminhar com alguma segurança:

1) Quando os discípulos quiseram saber permenores acerca da Vinda, Jesus concentrou sua atenção sobre a evangelização mundial. Jesus Cristo Reina. A Ele o mundo deve lealdade e submissão. O que aconteceu no mundo quando Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou provocou uma invariável série de eventos que culminará na aniquilação completa do poder do mal no universo.¹

2) O futuro desvendará maior oposição satânica contra o evangelho e o Povo de Deus. Perseguição parece ser o meio menos sutil que a velha serpente tem para persuadir os homens a abandonar a fé e a comunhão com os fiéis. O Anticristo organizará o mundo para pressionar os crentes a desistirem de servir a Deus e ele receber toda adoração. Conseqüentemente o amor de muitos esfriará.

Mas ao mesmo tempo que os falsos mestres, cooperando com o programa de entronização do Anticristo, parecem ganhar notável sucesso, a divulgação mundial do evangelho avança. Destarte o palco é posto em lugar para o conflito mundial entre Satã e Cristo.

(1) Cf. J. Ellul, *op. cit.*, pp. 47s.

(1) Allan MacRae, "Bible Prophecy", *American Mercury*, Out., 1958, p. 34 citado por Wm Dyrness em "The Age of Aquarius" em *Dreams . . . op. cit.*, p. 23.

3) A chave que oferece o porquê da escatologia no N. T. aparece no termo "vigiar". A Igreja estará pronta para ouvir esta ordem do seu Senhor? A Igreja vigiando quer dizer que os membros estão orando, evangelizando, crescendo em conhecimento da Palavra e santidade. Seis parábolas de Jesus frisam a importância de vigiar.

a) O porteiro que não dorme porque o dono da casa é capaz de voltar a qualquer hora (Mc 13:35-37);

b) O pai de família que, ainda que não sabe quando o ladrão poderá atacar, fica sempre preparado para se defender (Mt 24:43, 44);

c) O servo (mordomo) que serve bem os outros servos da casa, mesmo quando poderia perder de vista a sua responsabilidade com a longa demora do seu Senhor (Mt 24:45-51);

d) As dez virgens devem estar preparadas para a vinda do noivo mesmo que ele demorar além do normal (Mt 25:1-12);

e) Os servos que recebem talentos para utilizar enquanto o mestre fica ausente do país, enfatiza a importância de usar de tudo que Deus nos deu ao máximo para devolvê-lo para Ele (Mt 25:14-30);

f) As ovelhas e bodes passando pelo juízo do Senhor mostra a importância prioritária de praticar obras de amor e sacrifício em favor dos irmãos (Mt 25:31-45).

Em suma, não seria compreender a essência do motivo da revelação dos eventos futuros, se a Igreja investir seus recursos, tempo e energia, buscando os "perdidos" e cuidando bem dos "encontrados", evangelizando e vigiando?

"O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida" (Ap 22:17).